Gutierres Fernandes Siqueira

REINO DIVIDIDO

Como o pecado do sectarismo sabota a vontade de Deus para a igreja



GOD books

Reino dividido: Como o pecado do sectarismo sabota a vontade de Deus para a igreja

Gutierres Fernandes Siqueira

(2021)

Calvinistas e arminianos; continuístas e cessacionistas; conservadores e progressistas... muitos são os grupos, as práticas e as crenças que separam os membros do corpo de Cristo. Se ter divergências faz parte da natureza humana, qual seria a forma bíblica de lidar com elas? Promovendo unidade na diversidade ou sectarismo exclusivista? O evangelho de Jesus estimula dissensões e facções em nome da verdade ou será que a proposta de Cristo perpassa um partidarismo cego e extremo entre seus discípulos, conduzindo-os a um ambiente de tolerância, respeito e construções dialógicas, em amor? É o que Gutierres Siqueira responde em REINO DIVIDIDO.

Reino dividido

Como o pecado do sectarismo sabota a vontade de Deus para a igreja

Gutierres Fernandes Siqueira

GodBooks


GOD
BOOKS

Direitos autorais © 2021 GodBooks Editora

Copyright © 2021 por Gutierres Fernandes Siqueira
Publicado por GodBooks Editora

Edição Maurício Zágari
Capa Marcus Nati
Diagramação Luciana Di Iorio

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (PDFs, eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S618
Siqueira, Gutierres Fernandes
Reino dividido: como o pecado do sectarismo sabota a vontade de Deus para a igreja / Gutierres Fernandes Siqueira – 1. ed. – Rio de Janeiro: GodBooks, 2021.

1. Sectarismo. 2. Igreja. 3. Rachas. 4. Divisões I. Título

CDD: 241
CDU: 242

Categoria: Vida cristã

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
GodBooks Editora
Rua Almirante Tamandaré, 21/1202, Flamengo
Rio de Janeiro, RJ, Brasil, CEP 22210-060
Telefone: (21) 2186-6400
Home page: www.godbooks.com.br

1ª edição: fevereiro de 2021

Aos meus professores Dra. Joana Puntel e Dr. Domingos Zamagna. Além da grande erudição de ambos em Teologia e Comunicação Social, pude perceber a riqueza do corpo de Cristo na vivência em sala de aula e em nossas conversas de gabinete.

Índice

Página do título
Direitos autorais
Dedicatória
Apresentação
Prefácio
Introdução
1. O problema do sectarismo
2. Sectarismo e heresias
3. Apologética não deve ser sectária
4. Legalismo e sectarismo
5. O sectarismo é um problema da alma
6. Sectarismo nacionalista
7. A catolicidade da igreja
Conclusão

Agradecimentos

A Deus, pelo privilégio de mais uma publicação.

A alguns amigos que me ajudaram na composição desta obra, cuja vida celebro.

Em especial, ao editor Maurício Zágari, pelo ótimo trabalho.

Ao teólogo presbiteriano Victor Fontana, pelo generoso prefácio.

À minha esposa, Camila Rauber, que sempre me apoia.

Apresentação

O que é sectarismo? Talvez o significado preciso desse conceito não seja totalmente claro para todos, por isso, antes de tudo, é importante compreender o seu sentido exato.

Uma rápida busca nos dicionários revela que sectarismo é sinônimo de alguns termos não muito simpáticos, como intransigência, intolerância, partidarismo, facciosismo. A mesma busca mostra que o sectário é o "indivíduo que se envolve apaixonadamente ou de modo extremo numa doutrina, religião, política, filosofia etc." e "aquele que concorda com a maneira de pensar de alguém, obedecendo cegamente a essa pessoa".

Diante disso, precisamos nos perguntar: seria o sectarismo entre membros do mesmo corpo — no caso, o de Cristo — algo ruim, negativo, daninho, ou seria uma postura desejável e virtuosa? Será que o evangelho de Jesus empurra os cristãos para a promoção de obras da carne, como dissensões e facções? Ou será que a proposta de Jesus de Nazaré perpassa um partidarismo cego e extremo entre seus discípulos e deve conduzi-los a um ambiente de tolerância, respeito e construções dialógicas, em amor? E que posturas deve promover no seio da igreja o encontro da graça e do desejo de unidade com a justiça e a santidade divinas?

Essas são perguntas extremamente importantes, uma vez que as respostas determinarão o comportamento cotidiano de milhões de cristãos por todo o mundo e o modo como se relacionam uns com os outros. Logo, a essencialidade do tema torna vital para a saúde da igreja a discussão saudável sobre o assunto — feita com respeito, graça, amor e espírito pacificador.

Diante disso, esta obra de Gutierres Fernandes Siqueira se apresenta como uma fonte importantíssima de compreensão do problema e um motor para diálogos produtivos, que levem à

renovação da mente e à promoção de algo essencial, basilar e indispensável para o reino de Deus: a unidade do corpo de Cristo, apesar das diferenças entre seus membros.

As reflexões do autor não deixam dúvida: é, sim, pecado o sectarismo entre filhos de Deus que pensam diferente em aspectos secundários, terciários e quaternários da fé — escalonamento estabelecido por Gavin Ortlund, doutor em Teologia e pastor da Primeira Igreja Batista em Ojai (EUA), no livro *Finding the Right Hills to Die On: The Case for Theological Triage*,[1] com base na metáfora de triagem teológica desenvolvida pelo teólogo americano Albert Mohler. E por que essa postura é pecado? Porque ela sabota o projeto de Deus para o seu povo.

Como Gutierres pontua: “É pelo bem da comunhão que devemos combater com todas as forças o mal do sectarismo. Sectarismo é pecado. E, normalmente, um pecado nunca anda sozinho, o que fica claro quando constatamos que o sectarismo é filho do orgulho. Trata-se de um pecado bem casado com a arrogância”.

O desejo da GodBooks é que você chegue ao fim desta leitura capacitado a compreender melhor uma importante afirmação de Jesus — e, a partir dessa compreensão, fazer algo a respeito. Ao ser acusado pelos sectários religiosos de sua época de agir pelo poder de Satanás, quando, na verdade, agia de acordo com a vontade de Deus, ele respondeu: “Todo reino dividido internamente está condenado à ruína. Uma cidade ou família dividida contra si mesma se desintegrará” (Mt 12.25).

Que Deus guarde seu reino e sua família de fé de todo sectarismo, por amor a sua igreja e para a glória de seu nome.

Boa leitura!

Maurício Zágari Editor

Prefácio

Todo profeta é filho de uma tradição. No caso do profeta do Antigo Testamento, ele é filho da tradição da Torá e, a partir dela, denuncia os desvios israelitas ao mesmo tempo em que aponta para a esperança do cumprimento dela. No caso do profetismo israelita, nós, cristãos, cremos saber como a história se desenrolou: por meio de Jesus Cristo, Deus fez com que a descendência de Abraão cumprisse a Lei, trazendo bênção para todas as famílias da terra.

Outro desafio, entretanto, é entender a tarefa profética para além da história de redenção já revelada a nós. A nossa história, com nosso contexto e nossas situações específicas, exige que façamos bom juízo da tradição bíblica e excelente juízo do mundo que nos rodeia, para que sejamos, de fato, profetas. Esse exercício não está descrito em detalhes na revelação bíblica. Ele não repousa nos eventos da história, mas está diante de nós, esperando por acontecer.

No desenrolar dos séculos, homens e mulheres de fé se engajaram no projeto de interpretar o texto bíblico com o melhor que tinham em mãos, a fim de responder às questões do seu tempo. Somos gratos a eles e nos apoiamos em seus ombros para fazer o nosso próprio exercício de interpretação da revelação sagrada no texto bíblico na nossa jornada de compreensão dos presentes eventos. Sobretudo, eles nos suportam através de dois milênios de tradição riquíssima, para que nós, seus herdeiros, encaremos a perigosa empreitada de produzir diálogo entre a realidade e a revelação. Eis a tarefa profética.

O risco devastador de pisarmos no terreno necessário do encontro entre Bíblia e tempo presente está sempre escondido. É também sempre ambíguo. É o risco de estarmos de fato com a mensagem do evangelho ao nosso lado e observarmos diante de

nós a profunda transformação por ele realizada — que risco maravilhoso! Ou pode ser o risco de pensarmos portar o evangelho e estarmos, de fato, pregando outra coisa. Quem sabe uma heresia? Ou até mesmo um princípio bíblico, mas de importância periférica perto da centralidade da mensagem redentora de Jesus.

Geralmente, o que acaba acontecendo é que, em vez de sermos humildes herdeiros da imensa tradição presente na ortodoxia cristã, tornamo-nos arrogantes editores de tradições. Dada a imensa diversidade de pensamentos e formulações, escolhemos ao nosso bel prazer e segundo a nossa carne não apenas sobre quem vamos nos apoiar, mas quais pedaços da tradição sequer merecem consideração. Enquanto o profeta olha para trás e se inspira para imaginar um presente transformado pelo evangelho, o editor olha para trás a fim de cortar e recortar a tradição — seja bíblica, seja teológica — e moldar para si mesmo um outro evangelho.

Heresias de estimação Perceba a sutileza como formamos nossas heresias de estimação. Ela se dá em pequenos passos. Primeiro, olhamos para o texto bíblico e, como editores, selecionamos o que nos interessa. Depois, observamos a história da interpretação bíblica e escolhemos aqueles intérpretes que mais nos agradam.

Mas o editor talentoso não para por aí, ele também seleciona os pensamentos que importam entre os intérpretes que escolheu, eliminando o que for incômodo — e assim também fazemos. Após todos esses recortes, elegemos a nós mesmos como autoridades e sentenciamos: eis a nossa dogmática.

Nesse processo, a fé cristã se reduz àquilo que *eu acho que interessa*. Se isso já não fosse grave, com a minha autoridade, eu mesmo assumo que aquilo ou aquele que ficou de fora não é cristianismo verdadeiro. A decisão de ser um editor é uma decisão que me condena duplamente: reduzo o evangelho e relego o próximo à exclusão.

Isso não significa, em hipótese alguma, que toda tradição produzida no seio do cristianismo seja válida ou que deva ser adotada. O firme exame exegético da Reforma Protestante deve nos servir para

avaliar tudo aquilo que recebemos nos dois últimos milênios. Mas até esse filtro de Lutero e dos outros reformadores produziu para nós *mais uma tradição*. Somos todos, quer pentecostais, quer reformados, ou — talvez surpreenda — católicos romanos, herdeiros também dessa tradição, a *Reforma*. Ninguém no Ocidente escapou da responsabilidade pessoal do exame da verdade que Lutero pôs sobre nossos ombros.

Não fosse a tarefa profética já complicada pelos elementos acima, ainda se faz necessário dizer que tudo descrito até o momento diz respeito majoritariamente às dimensões cognitivas das nossas decisões frente às tradições. Entretanto, o ser humano não é uma mera máquina de pensar. Somos emocionais e sociais, e nossos afetos religiosos se desenvolvem no emaranhado de pensamento, sentimento e devoção. Nenhum desses aspectos da vida consegue se desenvolver isolado do outro e uma parte considerável da verdade é que somos filhos de uma tradição que nos dá sensação de pertencimento.

Quando você escolhe sair de casa para ir a uma igreja, cada detalhe relacionado a isso revela um pouco do tipo de relação que você tem com o sagrado — se você leva a Bíblia embaixo do braço ou se vai usar um aplicativo de celular; se o espaço físico do local de reunião é um teatro alugado ou uma catedral antiga; se você espera por uma pregação mais solene ou uma mensagem mais descontraída. Tudo isso e muitos outros detalhes dão a você uma sensação de pertencimento que transcendem a cognição e invadem o espaço das relações sociais, dos ímpetos emotivos e dos afetos religiosos.

Senso de pertencimento e exclusividade Esse senso de pertencimento é poderosíssimo. E, mais uma vez, nos encontramos diante de uma ambiguidade. Pode ser um pertencimento sublime ao corpo de Cristo, entusiasmado pelo Santo Espírito de Deus. Ou pode ser o pertencimento a um grupo social que confere uma identidade da qual não estamos jamais dispostos a abrir mão. Quem nunca foi orgulhoso de pertencer a uma denominação ou a uma determinada igreja? “Eu sou da igreja do pastor fulano”, diz aquele

que tem profundo senso de pertencimento a um ambiente que lhe confere algum tipo de *status*, já que seu pregador é famoso.

Nesse caso, o maior risco para a tarefa profética é o torpor. Se o nosso senso de pertencimento se torna algo maior que o próprio evangelho, à semelhança do idólatra do Antigo Testamento, nos tornamos similares ao próprio ídolo de prata ou ouro. Temos olhos, mas não enxergamos; ouvidos, mas não escutamos; língua, mas sem paladar; nariz, mas sem olfato. Ficamos entorpecidos. Perdemos a capacidade de interagir com a realidade. Amamos tanto nossa denominação, nossa confissão de fé, nossa arquitetura ou nosso pregador eloquente que somos incapazes de enxergar problemas neles. Ficamos entorpecidos pela idolatria.

No momento em que começamos a acordar do nosso estado entorpecido, o medo nos leva de volta ao sono profundo. Medo de não pertencer mais. Medo de sermos criticados. Medo de sermos excluídos. Medo de perdermos completamente nossa identidade, caso a comunidade da qual fazemos parte não aceite muito bem as correções para as quais o profeta precisa apontar.

O orgulho de pertencer, então, gera uma segunda camada de pecado. O senso de pertencimento começa a se tornar senso de exclusividade. Na sua forma mais tacanha e grosseira, sentimo-nos exclusivos porque possuímos a "única forma correta de ser cristãos" — e consideramos pertencer ao único grupo de salvos. Nas formas mais sutis, não roubamos a salvação dos outros, apenas nos pensamos superiores. Fazemos parte de um grupo "muito superior ao restante do cristianismo". Cremos que nossa teologia é a melhor e nossas músicas são as mais belas. Acreditamos que nossa arquitetura não é apenas a mais bonita, mas é também a correta. Nossos pastores, claro, são os mais preparados e somos mais espirituais. Somos melhores. Quando isso acontece, adquirimos uma espécie de *Complexo de Jonas*. Nossa profecia só serve para corrigir os de fora, nunca nós mesmos — quando, na realidade, somos nós que precisamos desesperadamente de graça por nossa covardia e dureza de coração.

A terceira derivada deste estado de torpor é que o aspecto esperançoso da tarefa profética se torna impossibilitado. Pregar esperança escatológica para quê? Nós já pertencemos a um grupo

perfeito! Talvez não perfeito, mas o melhor disponível e Deus deve estar muito orgulhoso de nós. Não há necessidade de buscar luz no fim do túnel se não pensamos estar em um túnel escuro.

A arrogância, em forma de conhecimento ou de senso de pertencimento, é uma das grandes inimigas, senão a maior, da tarefa profética. Cabe, assim, a pergunta: como, então, podemos nos livrar desses orgulhos tolos para vivermos de acordo com a nossa vocação?

Em outras palavras, como eu e você viveremos como profetas do nosso tempo? Somos filhos de qual tradição? Corrigiremos quais caminhos? As tradições que chamamos de *bíblicas* são mesmo isso que estamos dizendo? Se são, por que existem tantas tradições? E, ao sugerirmos, clamarmos, escrevermos e pregarmos por correções, quais tradições feriremos?

Mais difícil: temos plena consciência da nossa esperança e de como ela se firma no futuro escatológico? Se estamos convictos dela, por que há outros cristãos igualmente piedosos e igualmente convictos de um futuro prometido diferente? Estamos seguros do que significa, realmente, afirmar o desejo pelo retorno do nosso Senhor Jesus Cristo ressurreto?

Gutierres Siqueira é filho da tradição da Reforma em uma das suas manifestações mais belas: a pentecostal. E, ainda que haja no pentecostalismo fontes ricas para responder a cada uma dessas perguntas, ele embarca no projeto de resgatar a tradição de Jesus Cristo para agir como profeta de seu tempo, denunciando a arrogância exclusivista, os orgulhos denominacionais, as divisões e facções no corpo de Cristo. Ele também recorre a Jesus para imaginar a esperança da igreja em unidade.

O leitor atento perceberá que cada golpe desferido no sectarismo tem o efeito inverso ao de uma espada, costurando de volta o que se pôs a dividir. Será uma leitura árdua, porque, ainda assim, são golpes. Não se trata de mais um livro buscando unidade e reconciliação com um discurso fácil e apaziguador de ânimos superficiais. O autor vai ao âmago dos problemas que nos causam separação. E o brasileiro que lê o tratado certamente se sentirá confrontado.

Seja por apontar as diversas manifestações do legalismo tão presente no evangelicalismo, ou por explanar como o desejo pela divisão ocupa a nossa alma, nos atormentando, essa leitura é daquelas que se faz de joelhos no chão.

Para a minha alegria, eu, que tive o prazer de ler esta obra antes da maioria das pessoas, há resposta para o sentimento de angústia provocado por cada um dos atentados que nós mesmos promovemos contra a unidade da igreja de Cristo. A leitura do presente material nos fornece primeiros passos para que isso aconteça e a ação poderosa do Espírito Santo de Deus nos conduz nessa direção.

Ao leitor da presente obra, a minha oração, de joelhos no chão, é que ela produza — assim como foi comigo — um coração contrito, mas cheio de esperança, ciente do privilégio da arriscada e inevitável tarefa da imaginação profética.

Victor Fontana Teólogo presbiteriano

Introdução

Desde o início da minha fé evangélica, tive o privilégio de conviver com pessoas de diferentes denominações cristãs. A minha conversão aconteceu oficialmente em uma igreja das Assembleias de Deus, quando eu tinha 12 anos. Porém, dois anos antes, eu já sentia a inquietação do Espírito para o “nascer de novo” ao ouvir uma canção sobre João 3 durante uma missa em uma das igrejas da Igreja Católica Apostólica Romana, de linha carismática, que eu visitava todos os sábados.

Enquanto isso, eu nutria amizades com adolescentes que congregavam em igrejas reformadas e comunidades batistas carismáticas e estudavam na minha turma da escola. Na minha família, alguns parentes congregavam em uma igreja batista

tradicional, enquanto outros eram pentecostais. Como um adolescente curioso, sempre que possível eu visitava as igrejas dos meus colegas de escola ou dos meus parentes batistas.

Conhecer pessoas de tradições variadas é uma trivialidade em um país como o Brasil, onde há plena liberdade religiosa. Porém, sendo eu membro de uma denominação pentecostal clássica, isso me permitiu perceber que o corpo de Cristo é diverso e complexo.

Durante essas visitas a igrejas e denominações diferentes, aconteceram fatos inusitados. Certa vez, quando eu tinha por volta de 13 ou 14 anos, visitei uma igreja reformada de linha cessacionista, no chamado “culto de oração”. Na minha igreja, eu estava acostumado com a oração de joelhos, em que todos oravam simultaneamente, mas, nessa igreja, os irmãos faziam um círculo, com todos em pé, e cada um orava em seguida ao outro. Tudo aquilo era novo para mim, mas acabei gostando. Durante a oração fiquei tão alegre que comecei a orar em línguas, para o choque geral dos irmãos cessacionistas presentes.

É óbvio que, hoje, eu evitaria uma oração carismática em um ambiente cessacionista, mas, na minha ingenuidade de adolescente, acabei causando desconforto, o que é natural quando duas tradições se encontram. Tempos depois, fui convidado por um amigo para conhecer uma igreja batista carismática e, nessa visita, percebi que alguns crentes eram mais “fervorosos de espírito” do que em minha igreja pentecostal. Naquele momento, fiquei espantado com tantas manifestações que julguei ser exóticas. O curioso é que, dependendo do ambiente, eu era um “espantoso carismático” ou um sujeito um tanto “tradicional”.

Muitas vezes, ouvi discursos sectários nos meus primeiros anos de fé, mas acabei vacinado pela minha própria experiência. Eu amava a minha denominação (e ainda amo e nela estou firme), mas preferia ouvir o louvor dos batistas e não tinha restrições em ler materiais teológicos de outras tradições.

Naquela época, tive acesso ao livro *Cristianismo equilibrado*, de John Stott, lançado pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) e, ainda recém-convertido, fiquei surpreso por ver que a editora da minha denominação tinha lançado uma obra de um

teólogo anglicano. Para mim, os anglicanos eram uma espécie de “católicos romanos de língua inglesa” e gente de quem deveríamos nos resguardar — afinal, como a maioria dos evangélicos, eu também nutria uma aversão ao catolicismo romano ou a tudo que parecesse vinculado ao ideal sacramentalista. Porém, ao ler a obra, deparei-me pela primeira vez com o conceito de “verdades cristãs essenciais” e “verdades cristãs secundárias”. O livro permitiu que a minha experiência positiva com outras tradições evangélicas tivesse um entendimento teológico plausível.

Hoje, olhando para trás, percebo como essa vivência com gente tão diferente permitiu que eu desenvolvesse uma visão mais holística da fé cristã. Sou conhecido como um defensor das doutrinas pentecostais e tenho livros publicados sobre o assunto, mas sempre tento evitar a ideia de que o cristianismo se resuma ao pentecostalismo. A fé cristã não pode ser confundida com nenhuma tradição — absolutamente nenhuma. Antes de ser pentecostal ou protestante, eu sou cristão.

Neste livro, faço uma defesa da universalidade da igreja e rejeito o sectarismo. Convido você a fazer o mesmo, em prol da unidade em Cristo Jesus.

1. O problema do sectarismo

É falsa piedade preservar a paz às custas da verdade. Também é falso zelo preservar a verdade às custas da caridade.

Blaise Pascal

O conceito de “catolicidade evangélica” assusta muita gente. Até pouco tempo atrás, raramente a literatura teológica evangélica usava o adjetivo “católico" em um sentido positivo. Alguns podem pensar que é um tipo de “programa ecumênico” e, outros, podem entender como uma contradição de termos. Mas não é nada disso.

A expressão “catolicidade evangélica” aponta para duas qualidades da eclesiologia. *Catolicidade* fala sobre a universalidade da igreja, uma vez que o termo “católico” vem do grego *katholikós*, que significa “geral”, “universal”. Já *evangélica* se refere ao foco na missão principal da igreja, que é o anúncio do reino de Cristo, pelo poder do Espírito Santo, visando à glória de Deus. Assim, a igreja possui catolicidade porque o seu caráter é universal (Ap 7.9) e é evangélica porque nela está a “coluna e o fundamento da verdade” (1Tm 3.15).

A diversidade da igreja é explícita e implícita no Novo Testamento. O corpo de Cristo é composto por uma “grande multidão”, que ninguém pode contar, advinda “de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 7.9; veja também 5.9; 10.11; 11.9; 13.7; 14.6; 17.15).

Isso fica claro quando analisamos alguns exemplos de personagens da Bíblia. João Batista, o precursor do Messias, era bem diferente de Jesus, a quem ele anunciava. O próprio Jesus reconheceu essa realidade quando disse: “Pois veio João Batista, não comendo pão nem bebendo vinho, e vocês dizem: ‘Ele tem demônio!’ Veio o Filho do Homem, comendo e bebendo, e vocês dizem: ‘Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores!’” (Lc 7.33-34). Já o apóstolo Paulo nunca seria confundido com Pedro, o primeiro líder da igreja (Gl 2.11-14; 2Pe 3.16), tamanhas eram suas diferenças.

No Novo Testamento, cada igreja tinhas suas particularidades: enquanto na de Corinto o problema era o abuso dos dons espirituais (1Co 12.1—14.40), em Tessalônica, a questão era a ausência de manifestações carismáticas (1Ts 5.19). Em Éfeso, havia firmeza doutrinária (Ap 2.2), mas a igreja da Galácia sofria com a insensatez dos membros diante dos falsos evangelhos (Gl 3.1). Mas, mesmo diante de tanta diversidade positiva e negativa, todas eram igrejas de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador.

Todavia, existe um pecado que atrapalha a essência universalizante e evangélica da igreja: o sectarismo.

O sectarismo talvez seja um dos maiores males do movimento evangélico contemporâneo em todo o mundo. Trata-se de um estado de espírito. É a disposição à intolerância, à intransigência, à polarização e ao fechamento em clubismos. Observamos que o ambiente político dos últimos anos tem colaborado ainda mais com uma visão de mundo em que o “outro” é sempre visto como um inimigo a ser combatido.

O sectário faz de doutrinas secundárias, bandeiras partidárias, ideologias políticas e divergências denominacionais a causa última de sua existência. Tal visão de mundo, obviamente, não combina com o evangelho de Jesus. O sectário não acredita na unidade do corpo de Cristo; aliás, para o sectário, quem define o corpo de Cristo são os seus termos pessoais.

O sectarismo, além de ser um problema moral e teológico, é um problema eclesiástico. O crente sectário não valoriza a essência da igreja, que é a convivência em comunhão na diversidade de talentos e dons. O sectário prefere viver no mundo uniforme das

seitas. Quem assim pensa e age jamais pode professar o Credo Apostólico, no trecho “creio na igreja” sem se enganar. Falando sobre a essência da comunidade, o teólogo reformado suíço Emil Brunner observou:

> A comunidade só pode existir onde há diferença: sem diferença, há unidade, mas não comunidade. Comunidade pressupõe dar e receber reciprocamente, comunidade é troca e complemento recíproco. [...] A singularidade de todo ser humano é a limitação desse indivíduo, e a partir dessa limitação surge a dependência mútua. Essa dependência não é, como no racionalismo estoico e na concepção moderna do homem [...] considerada uma coisa vergonhosa que deve ser superada, que ultraja a dignidade do homem e, portanto, deve ser eliminada ou, de qualquer forma, ignorada. [...] No cristianismo, pelo contrário, essa dependência mútua é o objetivo da criação, a prova e a preparação para o supremo destino da comunhão. É um princípio do credo cristão que nenhum homem é suficiente para si mesmo.[2]

Reforma Protestante e sectarismo Como tudo na vida, a Reforma Protestante refletiu diversas ambiguidades da natureza humana. Promoveu a liberdade de consciência, mas perseguiu, com a ajuda do Estado, os “entusiastas” anabatistas. Os reformadores popularizaram o conhecimento das Escrituras, mas permitiram involuntariamente uma fragmentação do cristianismo em diversos grupos sectários.[3]

A Reforma catalisou avivamentos em diversos países, mas também ajudou no processo de secularização radical do Ocidente. Como pontuou o teólogo e filósofo reformado americano Peter Leithart: “A incapacidade dos cristãos de concordar com dogmas básicos da fé cristã abriu espaço para o ceticismo e o ateísmo. A vida econômica e política foi ‘desvinculada’ da ética, facilitando a formação de esferas políticas e econômicas ‘seculares’”.[4]

A Reforma também resgatou o evangelho de Jesus e a doutrina da graça, mas cedo desenvolveu seu próprio magistério, por meio de uma confessionalidade que virou “o papa de papel”. A

essência do protestantismo, infelizmente, é a identificação pela diferença, isto é, se sou assembleiano é porque não sou luterano, se sou metodista é porque não sou presbiteriano, se sou batista é porque não sou anglicano. É uma identidade mais negativa do que propositiva.

Como filho da Reforma Protestante, o atual movimento evangélico é viciado em rompimentos. Embora não fosse a intenção de Martinho Lutero dividir a igreja, as consequências da Reforma abriram espaço para uma fragmentação que se retroalimenta até hoje.

O teólogo suíço neo-ortodoxo Karl Barth dizia que não devemos justificar fissuras eclesiásticas: “Não devemos tentar explicar a multiplicidade de igrejas. Devemos tratá-la da maneira como tratamos o nosso pecado e o pecado dos outros: como pecado. Devemos vê-la como parte da nossa culpa”.[5] Para Barth, a igreja visível deveria manifestar a unidade interior do corpo de Cristo, pois, quando isso não acontece, estamos lidando com um vício e não com uma virtude. “Todo lapso dessa unidade coloca em questão a própria substância da igreja”, escreveu o padre católico romano e teólogo suíço Hans Urs von Balthasar.[6]

Infelizmente, nossa tradição protestante pecou na doutrina da igreja e pouco enfatizou, em sua pregação e seu ensino, a importância da comunhão dos santos. Não é à toa que o número de desigrejados cresce tanto em nosso meio. Na verdade, quando o individualismo faz parte de nossa teologia e prática, o desigrejado já nasce enquanto ainda congrega.

Lamentavelmente, o meio evangélico está mais preocupado com megatemplos ou disputas mesquinhas do que com a comunhão dos santos. Esquece-se, assim, de que a arma mais poderosa contra a igreja não é o “marxismo cultural” ou outra filosofia ateísta, mas o espírito individualista. Igreja é comunhão; individualismo é o seu fim. Precisamos ensinar uma verdade bíblica preciosa: não existe cristianismo sem a vivência entre irmãos, compartilhando a Palavra, vivendo ordenanças e sacramentos, exercendo dons e orando conjuntamente.

É pelo bem da comunhão que devemos combater com todas as forças o mal do sectarismo. Sectarismo é pecado. E,

normalmente, um pecado nunca anda sozinho, o que fica claro quando constatamos que o sectarismo é filho do orgulho. Trata-se de um pecado bem casado com a arrogância. Reinhold Niebuhr, um dos principais teólogos americanos do século 20, defendia:

> [...] mais triste heresia associada à igreja, quer católica quer protestante, é a sua presunção de identificar-se com Deus de modo a entender que qualquer oposição que se faça a ela é oposição feita contra os caminhos divinos. Sempre que a igreja adquiriu comportamento tão presumido, não pode evitar ser atacada por uma força secular qualquer, que se torna portadora do juízo divino sobre a igreja, que, no caso, terá esquecido a natureza que lhe é própria.[7]

Nenhuma denominação é detentora do reino de Deus. Nenhum sistema teológico engloba a verdade completa da fé cristã. Ninguém está apto a dizer que o seu núcleo denominacional expressa a totalidade do cristianismo.

O pastor batista britânico Charles Spurgeon ficou conhecido pela infeliz afirmação: “O calvinismo é apenas um apelido; o calvinismo é o evangelho e nada mais”.[8] Felizmente, essa sentença foi proferida em sua fase mais jovem, período da vida em que se costuma abraçar rompantes dogmáticos com mais facilidade. Posteriormente, já mais maduro, Spurgeon afirmou: “O todo da verdade não está [...] neste sistema ou naquele, nem com este homem ou aquele outro. Que tenhamos a responsabilidade de saber o que é bíblico em todos os sistemas e aceitar”.[9] O velho Spurgeon estava certo: não é possível nutrir sentimentos totalizantes em uma instituição cujo cabeça é Cristo. Os parâmetros da igreja estão em Cristo e não em nossa liderança ou estratégia política.

O sectarismo é a teologia do “contrário”. É uma lástima quando a teologia se define pelo antagonismo. É uma pobreza tremenda o “estudo de Deus” que produz mais anticatolicismo do que espírito protestante, mais antidispensacionalismo do que esperança escatológica, mais anticalvinismo do que reafirmação da preciosidade da graça, mais antiarminianismo do que celebração da

universalidade da misericórdia, mais antipentecostalismo do que carismas na comunidade, mais anticessacionismo do que moderação e discernimento. O sectário não conhece o caráter propositivo do evangelho de Jesus.

O sectarismo é uma obra de arte recortada A anticatolicidade se detém nas extremidades. De tendência generalizante, o sectário peca pela preguiça em entender ambientes e teorias complexas. Normalmente cheio de si, o intransigente possui uma visão turva sobre qualquer realidade diferente daquela que ele mesmo experimenta. O teólogo presbiteriano Eugene Peterson resume esse ponto magistralmente e com brilhantismo:

> O sectarismo é para a comunidade o que a heresia é para a teologia. É a remoção deliberada de uma parte do todo. A parte é, naturalmente, boa — uma obra de Deus. Mas além do todo, ela está fora do contexto e, portanto, diminuída, desvinculada do que precisa do todo e do que resta do todo. Não toleraríamos alguém que comercializasse uma Bíblia com os cinco livros favoritos de um pregador famoso, selecionados dos sessenta e seis, e amarrados em couro fino. Nós não iríamos aturar um negociante de arte cortando um grande quadro em quadrados de duas polegadas e vendendo-os bem compactados. Então, por que tantas vezes, positivamente, gostamos e celebramos a divisão da comunidade de Jesus em grupos contenciosos e competitivos? E por que a pergunta retórica de Paulo, “Cristo foi dividido?” (1Co 1.13), continua a ser ignorada século após século após século?[10]

Lamento bastante quando vejo jovens (e velhos) teólogos que só sabem laurear a própria tradição. Sou pentecostal com muita convicção, mas eu seria extremamente pobre e equivocado se resumisse o cristianismo ao pentecostalismo. Há vida além das minhas fileiras. Louvo a Deus pelo rigor intelectual dos anglicanos britânicos C. S. Lewis, Alister McGrath, James I. Packer, Tom Wright e John Stott; pela sensibilidade evangélica do batista Billy Graham; pelo fervor querigmático de A. W. Tozer e John Piper; pelo

compromisso apologético de William Craig, Paul Copan e Ravi Zacharias; pela erudição calvinista de Donald Carson, Tim Keller, Vern S. Poythress e James K. A. Smith; pela erudição arminiana de Roger Olson, Grant R. Osborne e I. Howard Marshall; pelo melhor da tradição católica de Joseph Ratzinger, Peter Kreeft e Hans Urs von Balthasar, entre outros. Aprendi melhor com cada um deles e continuo aprendendo. Não concordo plenamente com nenhum deles e, certamente, isso ocorre pelas minhas limitações e pelas limitações deles. A ortodoxia cristã não é e nunca foi inimiga da diversidade. Na verdade, o sectarismo é, isto sim, a marca maior da heterodoxia.

O sectarismo da especialização A contemporaneidade é ávida pela especialização. Essa mania dos tempos também chegou ao cristianismo. Hoje, há igrejas para todos os nichos e todas as tribos sociais. O ideal bíblico é a diversidade na igreja e não tribalismo ou etnicismo. O teólogo reformado britânico Martyn Lloyd-Jones fez uma advertência contra essa mania:

> A maneira com que as pessoas formaram movimentos em relação a assuntos particulares nunca deixa de me surpreender. Por exemplo, não posso ver no Novo Testamento em si qualquer justificativa possível para um movimento em conexão com a santidade. Não vejo justificativa para um movimento apenas fomentar o ensino profético ou sobre o segundo advento do Nosso Senhor. Não devemos formar movimentos com respeito a aspectos particulares da fé ou da doutrina. Não; no momento em que você faz isso, perde-se o equilíbrio. Todas as coisas devem ser consideradas em conjunto; da mesma maneira que não deve haver movimento em conexão com os dons do Espírito. Por quê? Porque estes devem ser manifestados na igreja e, assim como a igreja é um todo, sua doutrina é um todo. Você não se “especializa” em doutrinas na vida cristã.[11]

O sectarismo também apresenta sérias dificuldades com a coerência. Não faz muito tempo que li um adepto do arminianismo,

teologia que também abraço, destroçando impiedosamente o teólogo Agostinho de Hipona. Obviamente, Agostinho tinha pontos problemáticos em sua teologia (e quem não tem?), mas, na opinião do autor do texto que li, toda a admiração do cristianismo ocidental pelo bispo de Hipona era desmedida.

No fundo, o incômodo do autor do texto com Agostinho se devia ao fato de que o teólogo do século 4 sempre recebeu muitos elogios dos calvinistas. Esse arminiano só não sabia que o próprio Jacó Armínio nutria essa admiração pela teologia agostiniana. Armínio se via como agostiniano e os arminianos clássicos sempre se declararam tão agostinianos quanto os jansenistas (católicos), os luteranos e os reformados. Muito do sectarismo é resultado de ignorância.

É interessante como, no sectarismo, alguém passa a atacar bases de sua própria teologia só porque ela soa parecida com uma tradição “inimiga” — é uma “lógica” de milícia.

O sectarismo dos compartimentos Em 1978, o americano Jim Jones, líder de uma seita messiânica, levou 918 pessoas ao suicídio em Jonestown, Guiana. Esse episódio ficou marcado como o maior suicídio coletivo da história. O “profeta” Jones era desequilibrado, psicopata e manipulador, mas conseguiu convencer centenas de pessoas a segui-lo da Califórnia para um local afastado na América do Sul. A história de Jim Jones nos ensina algumas características marcantes de qualquer falso profeta: paternalismo, ostentação, mania de perseguição, soberba, paranoia, exclusivismo, exigência de lealdade total e postura inquestionável e... sectarismo.

Infelizmente, como Jesus predisse, vários Jim Jones ainda aparecerão. Mas como foi possível que alguém enxergasse piedade em um homem tão cruel? A resposta está na “compartimentalização”. Todo grupo fanático desenvolve um “sistema de compartimentalização”, ou seja, os membros das seitas separam fatos contraditórios em compartimentos diferentes dentro da própria mente e, assim, ignoram qualquer contradição lógica ou crítica externa. É um instrumento de escape para sempre defender a ideologia ou a religiosidade preferida.

O sectarismo não é apenas um risco de “chatice”, mas, em casos extremos, é um instrumento de opressão religiosa. Todas as seitas trabalham com o elemento do “terrorismo psicológico” para que os seus membros não tenham acesso a nenhuma verdade do mundo exterior.

Vale lembrar que a única lealdade absoluta que a Bíblia nos ensina é a Deus. Quando Pedro estava diante de autoridades religiosas que desafiavam sua fé em Cristo, a resposta foi clara: “Mais importa obedecer a Deus do que aos homens” (At 5.29). Diante dos absolutos de Deus, toda autoridade humana é relativa.

O sectarismo mina o testemunho cristão O historiador e teólogo suíço Philip Schaff escreveu, há mais de um século, sobre a divisão ferrenha que existia nas terras santas de Israel entre os católicos orientais (Igreja Ortodoxa) e os ocidentais (Igreja Católica Apostólica Romana):

> Hoje, não há duas igrejas no mundo que sejam semelhantes e, ao mesmo tempo, tão opostas uma à outra como a igreja oriental ou grega e a igreja ocidental ou romana. [...] A mesma afinidade gera ciúme e desinteligência. [...] Elas são igualmente exclusivistas. [...] Uma tem orgulho do seu credo, a outra do seu domínio. [...] No ponto em que as duas igrejas se encontram em maior proximidade, os lugares tradicionais do nascimento e sepultura de nosso Salvador, em Belém e em Jerusalém, elas se odeiam amargamente. Soldados maometanos têm de manter os monges ignorantes e fanáticos dessas igrejas longe de conflitos violentos.[12]

Muitas vezes, perdemos a dimensão de como o sectarismo no seio do cristianismo funciona como uma espécie de contradiscurso, uma reversão da evangelização e da missão evangélica.

Não é à toa que Cristo ora ao Pai pela unidade da igreja “para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17.21). O reino de Deus não é controvérsia ou disputa, tampouco debates que

procuram definir o maior ego sem nenhum interesse legítimo no conhecimento; antes, é justiça, paz e alegria no Espírito Santo.

E esse reino não pode ser apresentado ao mundo em fragmentos tensionados.

O denominacionalismo como sectarismo O denominacionalismo é uma forma extremamente comum de sectarismo, embora não se deva negar a importância das denominações como lembranças vivas da diversidade da igreja. As denominações pentecostais, por exemplo, estão constantemente lembrando ao cristianismo como um todo que não podemos “apagar o Espírito” (1Ts 5.19), mas essa não é toda a verdade das Escrituras. Já os anglicanos nos lembram da importância de uma liturgia bem conduzida como um processo formativo. Outros grupos cristãos nos lembram do cuidado que devemos ter com o formalismo e o liturgismo como um bem em si mesmo. Outro exemplo: os luteranos martelaram na cristandade a importância da doutrina da graça e da justificação pela fé, mas a justificação precisa ser acompanhada pela santificação, como enfatizaram os metodistas. E assim por diante.

O grande problema do denominacionalismo é achar que determinada denominação, nascida em um momento histórico bem específico, representa o todo do reino de Deus. Nenhuma denominação tem esse poder representativo e nunca terá. Não há problema em levantar a bandeira de uma denominação, desde que exista a ciência de que ela não representa o todo da bela fé cristã.

Outro problema do sectarismo denominacional é a crença em que não há necessidade de aprendizado além das próprias fronteiras. Sobre isso, o pastor americano A. W. Tozer escreveu magistralmente:

> Eu gostaria de dizer mais sobre esse velho homem de Deus [Nicolau de Cusa]. Ele não é muito conhecido, hoje, entre os crentes cristãos, e nada conhecido entre os fundamentalistas atuais. Sinto que teríamos muito a ganhar sabendo um pouco sobre homens de sua índole espiritual e sobre a escola de pensamento cristão que eles representam.

> A literatura cristã, para ser aceita e aprovada pelos líderes evangélicos do nosso tempo, deve seguir muito de perto a mesma linha de raciocínio, uma espécie de “diretriz de partido político” da qual raras são as ocasiões em que é seguro se afastar. Meio século disso nos Estados Unidos deixou-nos presunçosos e satisfeitos. Imitamo-nos uns aos outros com devoção servil e os nossos esforços mais árduos são empreendidos no sentido de tentar dizer a mesma coisa que todo mundo à nossa volta está dizendo — e, ainda assim, encontrar uma desculpa por dizê-lo, uma pequena variação segura do tema aprovado ou, se não mais, ao menos uma nova ilustração. [13]

O sectarismo é apropriativo A apropriação é a atitude de quem reafirma algo como seu, negando as origens do objeto. Certa vez, vi o anúncio de um sermão cujo título era “Educando os filhos segundo a tradição reformada”. Pensei: “Será que a tradição reformada é tão específica assim? Ela tem até uma maneira peculiar de educação familiar? O que nela difere da cristandade como um todo no que se refere à educação dos filhos?”.

Enxergo nesse tipo de questão certo preciosismo de achar que a própria tradição tem abordagens específicas para todas as áreas da vida. Eu, particularmente, graças a Deus, nunca vi nenhuma palestra intitulada “Educando os filhos segundo a tradição luterana, pentecostal, metodista ou anglicana”, por exemplo.

Em momento algum nego a natureza ampla da tradição reformada (esse ponto não está em discussão), que é uma tradição riquíssima. Mas será que ela tem, de fato, alguma singularidade quando o assunto é educação familiar? Em caso afirmativo, qual? Essa singularidade é amplamente aceita como marca entre os adeptos da própria tradição? Todos os estudos que li sobre esses assuntos, de uma suposta “perspectiva reformada”, afirmavam apenas princípios e valores que qualquer cristão de qualquer tradição afirmaria.

Que fique claro que não estou, com esse exemplo, julgando a qualidade da teologia reformada. Cito esse exemplo apenas porque ele é relativamente comum em nosso contexto nacional. Esse tipo

de comportamento mostra um pouco da natureza de apropriação do sectarismo.

O cristão banhado pela humildade de Cristo reconhece que a "incompletude é a essência do conhecimento teológico", como afirmou o teólogo reformado anglicano J. I. Packer.[14] Embora sejamos crentes da verdade, não somos donos da verdade nem podemos retê-la em um único sistema.

Além do caráter cognitivo, a verdade sempre tem nas Escrituras uma dimensão relacional. Jesus é a verdade (Jo 14.6) e ele é uma pessoa. Portanto, a verdade só pode ser conhecida porque Deus se revela ao homem e se relaciona conosco. Jesus é o "Deus conosco".

2. Sectarismo e heresias

> *A razão rejeita muito apropriadamente a contradição, mas o racionalismo abomina o mistério, que cada heresia tenta, à sua maneira, resolver.*
>
> Michael Horton

Em um editorial da revista americana Christianity Today, o teólogo metodista Thomas Oden ironizou o modo como o protestantismo moderno tem lidado com as heresias. Ele escreveu: “No seu apogeu tolerante e vulnerável, o protestantismo de linha antiga alcançou finalmente o que os inquisidores e cruzados não conseguiram: a erradicação da heresia. Já não existe qualquer tipo de heresia dentro desse ethos eclesial maleável e sorridente — exceto, talvez, as transgressões contra a inclusividade”. [15]

De fato, a heresia está fora de moda nos círculos protestantes progressistas e, como observou Oden: “Em vez de se separar dos pecadores e heterodoxos, a igreja agora simplesmente exclui o pecado e a heresia de sua consideração”. Talvez Oden tivesse em mente o caso, por exemplo, do bispo episcopal americano James Pike, que, mesmo negando as doutrinas da concepção virginal, da Trindade e do inferno, não foi excomungado pelos episcopais da época porque a condenação de Pike era tida como anacrônica. Esse excesso de tolerância com o erro em nada lembra a postura dos apóstolos e do próprio Cristo.

Se, por um lado, ocorre o extremo de se tolerar heresias, por outro existe o fenômeno criador de sectarismos dos caçadores de heresias, que se manifesta, principalmente, no seio do movimento evangélico conservador.

Isso fica claro quando vemos a profusão de blogueiros e *youtubers* que criaram *sites* e canais de internet especializados em desmascarar as "heresias" do momento, mesmo que as supostas "heresias" sejam apenas questões periféricas e não doutrinas primárias da teologia cristã.

Há, ainda, perfis criados em redes sociais que só funcionam à espreita do próximo deslize de um pregador famoso. Assim, enquanto os protestantes progressistas desprezam a ideia de heresia — que, para eles, seria uma concepção muito intolerante para a era da "verdade relativa" —, os evangélicos fundamentalistas tendem a enxergar heresias e hereges em todo canto.

Aliás, um dos hábitos prediletos de uma enorme quantidade de teólogos e líderes evangélicos é xingar de "herege" quem não fala a mesma língua com precisão milimétrica. Se, por um lado, os progressistas estão errados, porque a verdade importa, por outro, o conservadorismo viciado em caça às bruxas deve ser revisado, porque o cristianismo não se resume a uma postura policialesca.

A heresia como obra da carne Entre as obras da carne (Gl 5.16-21), o apóstolo Paulo cita a palavra grega *haíresis* (v. 20), que é traduzida, dependendo da tradução em português, como "heresias" (ARC), "divisões" (NVT e NTLH), "facções" (NVI, ARA, NBV, NAA e CNBB), "seitas" (BJ) e "partidos" (TB). No contexto, a ideia não é de "desvio da doutrina oficial" — sentido apenas presente em 2Pedro 2.1[16] —, mas divisionismo no corpo de Cristo. É a separação de pessoas com base em opiniões contrárias. Em outras palavras, é o sectarismo. É importante observar que o apóstolo Paulo inclui o sectarismo na lista dos pecados de relacionamento, quando o cita entre males como ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões e inveja.

O teólogo anglicano irlandês Alister McGrath lembra que, no Novo Testamento, "a formação de facções era vista claramente como uma ameaça à unidade das comunidades cristãs".[17] A

preocupação paulina era com o espírito faccioso que minava a unidade da igreja em nome de ambições tribais e projetos pessoais. O sectário que sempre tem pressa em classificar outros de “hereges” em questões secundárias comete, ele próprio, um pecado. É quase um prazer mórbido em excluir da graça de Cristo os cristãos de diferentes confessionalidades.

Tal postura não é um problema intelectual, mas, como disse Paulo, de natureza relacional. É a antiga ânsia do homem caído pelo corporativismo. É o velho Adão chamando pela infantilidade da autoafirmação por meio do rebaixamento do próximo. É mais uma manifestação de vaidade e orgulho de pertencimento. A nobre tarefa de manutenção da sã doutrina se transforma em um trampolim de egos inflamados.

Embora, em algum grau, toda heresia seja um erro doutrinário, nem todo erro doutrinário é uma heresia. A heresia é o desvio doutrinário que ameaça a unidade da igreja. Em termos doutrinários, essa unidade está expressa nos grandes credos ecumênicos: o Credo Apostólico, o Credo Niceno-Constantinopolitano, o Credo de Atanásio e o Credo de Calcedônia.

Na história da igreja, vemos a distinção entre “heresia formal” e “heresia material”. Na primeira, o herege é consciente do seu desvio, enquanto os integrantes do segundo grupo abraçam falsas doutrinas pela ignorância. Há, ainda, a “heresia latente”, conceito útil presente na teologia do jesuíta alemão Karl Rahner,[18] em que o herege até abraça o arcabouço geral da ortodoxia, mas enfatiza apenas as doutrinas convenientes e confortáveis. O selo “herege" não é trivial, e expressa uma gravidade que não pode ser banalizada pelas preferências pessoais.

A heresia é, portanto, uma violação, consciente ou não, de qualquer doutrina basilar da fé cristã, ou seja, aqueles dogmas que, se inexistentes, desfigurariam a essência do evangelho de Cristo. A heresia jamais diz respeito a doutrinas secundárias, costumes tribais e tradições denominacionais.

A heresia, também, deve ser diferenciada do cisma e da apostasia. No cisma, a quebra de comunhão ocorre especialmente pelas disputas de poder e raramente envolve questões doutrinárias centrais. A apostasia, no extremo oposto, indica o abandono

completo da fé. Normalmente, o apóstata se volta contra a fé que um dia professou.

O nascimento das heresias As heresias nascem do desequilíbrio. Normalmente, ela é uma verdade levada às últimas consequências, ou, então, uma verdade excessivamente desidratada. As doutrinas ortodoxas são como aviões: não podem voar tão devagar a ponto de perder o impulso do voo, nem tão rápido a ponto de se desintegrar.

Quando falamos de Deus, por exemplo, podemos enfatizar tanto a sua soberania que escorregamos para o determinismo, ou podemos abraçar tanto a ideia do esvaziamento divino que ele deixa de ser Deus. Da mesma forma, podemos falar tanto da divindade de Cristo que esqueceremos a sua humanidade, logo abraçando o docetismo. Ou, ainda, podemos esquecer sua divindade ao abraçar excessivamente sua humanidade, caindo, assim, no adocianismo.

Normalmente, a heresia surge como uma tentativa de acertar o alvo da verdade. Em muitas delas ainda existe uma fagulha de verdade que não podemos desprezar. A heresia deve ser condenada, mas alguns pontos de atenção podem ser aproveitados. Pense, por exemplo, na heresia pelagiana. Embora o pelagianismo seja deletério, não podemos desprezar o fato de que Pelágio da Bretanha se preocupava com um cristianismo despido de uma dimensão moral.

Lembro de uma afirmação lapidar do teólogo holandês Jacó Armínio, que afirmou: “Nenhum herege está errado a respeito de tudo. [...] Até mesmo o pior dos hereges, em alguns pontos, tem os mesmos sentimentos que os membros da igreja” (*Obras*, Volume 2, Parte 3).[19]

Heresia e tolerância O combate à heresia pode soar como sinônimo de intolerância. O bispo espanhol Prisciliano de Ávila (340-385) é tido como a primeira pessoa condenada à morte pela acusação de heresia na história do cristianismo. Em países de maioria católica romana, inúmeros grupos e indivíduos sofreram forte violência, especialmente durante a Inquisição. O protestantismo, ainda em sua fase inicial, usou a violência física, em

conluio com o Estado, a fim de perseguir até mesmo outros protestantes — como os anabatistas.

O teólogo presbiteriano brasileiro Rubem Alves dizia que a "heresia é a voz dos fracos".[20] Essa frase, apesar de poética e impactante, é uma meia-verdade. Aliás, essa é uma tese bem popularizada pelo teólogo alemão Walter Bauer, que, em 1934, escreveu o livro *Rechtgläubigkeit und Ketzerei im Ältesten Christentum* [*Ortodoxia e heresia no cristianismo primitivo*]. Nessa obra, Bauer defende a ideia de que a Igreja Católica Apostólica Romana reescreveu a história da igreja primitiva inserindo a sua visão de ortodoxia como sendo a crença dos primeiros cristãos. Assim, a heterodoxia precede a ortodoxia e toda a ortodoxia seria apenas a narrativa vencedora do braço político mais forte da cristandade. Mas, cabe lembrar, nem sempre ideias tidas, hoje, como heterodoxas eram professadas por cristãos marginais, mas, sim, por proeminentes líderes e professores que detinham poder e prestígio em sua época.[21]

O combate a heresias e modismos doutrinários não é incompatível com o exercício do amor e da tolerância. Até porque todo mundo julga ideias alheias o tempo todo — sem esse elemento "demasiadamente humano", não haveria redes sociais, jornais e documentários de canais de *streaming* por assinatura. Todos os intelectuais são inquisidores contra ideias que consideram "heréticas".

Em matéria de dogmatismo inflexível, os apaixonados por política podem fervilhar mais do que qualquer líder religioso — o século 21 é um exemplo disso. Tenha certeza de que um *youtuber* de extrema-direita olha para um artista de esquerda como o pior dos hereges, assim como um professor de filosofia de esquerda enxerga o beato católico de direita como algo a ser esmagado pela fogueira da sua inquisição intelectual.

A unidade entre cristãos diferentes em assuntos diversos não é sinônimo de pragmatismo, mas de maturidade. Há uma base em comum, o cristianismo "puro e simples", que diz muito do pouco que é necessário para unir os cristãos ao redor da fé em Cristo. Louvado seja o Senhor pelos cristãos que entenderam o antigo princípio: "Em

coisas essenciais, unidade; nas não essenciais, liberdade; em todas as coisas, caridade”.[22]

Em suma, ninguém pode negar que o Novo Testamento está cheio de referências apologéticas diante dos falsos ensinos protognósticos, antinominalistas e legalistas. O fato é inegável. O Novo Testamento é essencialmente apologético.

Por outro lado, há uma apologética saturada no evangelicalismo contemporâneo. O teólogo americano Craig L. Blomberg comenta acertadamente que há uma tendência evangélica de criar cada vez mais identificações minimalistas nas confissões de fé, a fim de enfatizar as diferenças de outros grupos cristãos e não a unidade comum a todos os santos.[23] A batalha e o esforço pela fé ficam restritos à periferia do evangelicalismo e pontos não essenciais se confundem com doutrinas cardeais, para o prejuízo dos envolvidos.

A igreja contemporânea ignora que a heresia não nasce somente na abertura desordenada da confessionalidade, mas — como mostra, especialmente, a origem do termo e a história da cristandade — nos ambientes excessivamente restritivos e exclusivistas. Com isso, a multiforme graça de Deus é transformada em um conjunto de pensamentos facciosos por sujeitos belicosos, sempre divididos em lutas fratricidas às margens dos credos e das confissões universais.

O sectarismo vaidoso e orgulhoso — uma horrível redundância — das doutrinas secundárias nos afasta do desejo de Jesus: “Não peço somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por meio da palavra que eles falarem, a fim de que todos sejam um. E como tu, ó Pai, estás em mim e eu em ti, também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17.20-21).

A unidade da igreja deve refletir a perfeita *unidade plural* da Santíssima Trindade.

3. Apologética não deve ser sectária

> *Santifiquem a Cristo, como Senhor, no seu coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que pedir a razão da esperança que vocês têm. Mas façam isso com mansidão e temor, com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam mal de vocês, fiquem envergonhados esses que difamam a boa conduta que vocês têm em Cristo.*
>
> 1Pedro 3.15-16

Amo a apologética e valorizo a sua importância. Como cristão, não poderia ser diferente diante das Escrituras e da tradição à qual pertenço. Os primeiros teólogos cristãos da história eram apologistas, em um contexto de perseguição. O Novo Testamento está recheado de advertências e prognósticos apologéticos, especialmente as epístolas de Paulo, João, Pedro e Judas. Mesmo na era contemporânea, as mentes mais brilhantes do cristianismo foram grandes apologistas.

Infelizmente, lamento quando vejo que uma geração de evangélicos recebeu treinamento de guerrilha ideológica travestida de apologética cristã antes de receber treinamento bíblico sólido — quando deveria ser o contrário. É gente que aprendeu a arte da batalha sem antes entender o porquê da guerra. O resultado, naturalmente, é a beligerância pura e simples. Os verdadeiros apologistas jamais confundiriam a nobre apologética com

discussões vazias das Escrituras e cheias de raiva, rancor e ressentimento.

Assim, temos uma geração de pessoas rápidas em classificações condenatórias e vagarosas na análise cuidadosa das Escrituras. Elas esquecem que apologética é, essencialmente, a apresentação da "esperança que há em nós" — é uma defesa, não um ataque.

Quem age de modo ofensivo e não defensivo pensa que está sendo bíblico, que está de acordo com a fé apostólica dada aos santos, mas, na realidade, está apenas reproduzindo uma versão muito míope da riqueza que é a fé bíblica.

A apologética é essencial, mas a subcultura do ressentimento grosseiro e conspiratório deve ser rejeitada por todo cristão.

A apologética não sectária O teólogo puritano inglês Matthew Henry dizia que "a melhor maneira de nos opormos ao erro é promovendo um conhecimento sólido da Palavra da Verdade". [24] Ele tinha toda razão. É isso que diferencia a apologética negativa da apologética positiva.

A apologética negativa se concentra demasiadamente no erro alheio e, muitas vezes, se esquece de que a melhor maneira de expurgar a heresia é a exposição da verdade e não a exposição de pessoas. A nossa apologética não deve ser viciada em contrapropaganda. O objetivo maior da apologética cristã é a apresentação do evangelho de Jesus, com graça e verdade. É a defesa, não o ataque.

A primeira obra de apologética que li, ainda pré-adolescente, foi *O caos das seitas*, do teólogo reformado holandês Jan Karel van Baalen (1890-1968), publicado originalmente em 1936. O interessante é que ela trazia advertências sobre o crescimento de seitas que simplesmente desapareceram nas últimas décadas. Outras seitas populares na época em que o livro foi escrito hoje são grupos ínfimos.

No começo dos anos 2000, lembro de ter lido vários artigos sobre a ameaça da cientologia, uma seita esotérica famosa em Hollywood, mas, até a presente data, não conheci um único cientologista. Embora essa seita possa ser expressiva em algumas

regiões do mundo, cito-a como exemplo de como algumas previsões catastróficas nem sempre se confirmam. De tempos em tempos, observo cristãos anunciarem uma nova ameaça, capaz de “destruir a nossa fé”. E a “mais recente ameaça” sempre parece ser pior que as anteriores.

Fato é que ser profeta do caos virou uma espécie de esporte em nosso meio. O discernimento precisa ser exercido, mas sempre com muito cuidado, responsabilidade e senso de realidade. Caso a nossa retórica seja alarmista, perderemos a verdadeira essência da apologética. O alarmismo “é tingido com uma amargura, ressentimento e sensação de perda que carrega um cheiro de privilégio ameaçado, em vez de testemunho comprometido”,[25] como lembra o teólogo reformado James K. A. Smith.

Não era o caso do Van Baalen, mas, hoje, muitos apologistas populares são alimentados por teorias conspiratórias tresloucadas. Com o advento das redes sociais, esse fenômeno piorou e o número de notícias falsas e meias-verdades aumentou consideravelmente. Alguns apologistas vivem de combater inimigos imaginários, como se fossem Dom Quixotes investindo contra moinhos de vento.

A ênfase desses tais é sempre no medo e quase nada na esperança. A linguagem é de guerra, de constante ataque. “Estamos perdendo algo e precisamos de proteção urgente”, alegam, com um senso de urgência sempre aguçado. Enquanto o Novo Testamento trata o medo de modo negativo e exalta a esperança, a apologética fundamentalista inverte a chave lógica do evangelho de Jesus.

Apologética integral Mídia, movimentos sociais, artistas, intelectuais, universidades, formadores de opinião e outros personagens da nossa sociedade transmitem seus valores trabalhando a imaginação humana. Eles envolvem o homem em sua integralidade: experiências, sentimentos, desejos e, tão somente no fim, apelam à razão. Já nós, cristãos, apelamos diretamente à razão, especialmente os de tradição protestante-evangélica. Acreditamos que podemos convencer apenas com discursos, letras

e até gráficos. Nesse cenário, quem está vencendo a batalha das narrativas?

Uma das razões pelas quais estamos perdendo a batalha contra as ideologias e falsas teologias é porque acreditamos que podemos convencer o homem contemporâneo meramente com argumentos racionais. Muitos apologistas evangélicos lidam com a verdade do evangelho de Jesus de modo matemático, o que não funciona. É a falsa crença de que, diante de evidências lógicas, mudaremos o pensamento de quem nos rodeia. Isso pode até funcionar para uma minoria; porém, diante da maioria, não tem jeito: o fracasso está comprado.

Você pode ter todos os dados que provem, por exemplo, que o socialismo é um equívoco, mas, enquanto aquele jovem socialista pertencer a um grupo que o faz “sentir-se” um sujeito mais “bacana e amoroso” por defender “ideais de justiça igualitária”, não haverá evidência racional que o convença. Esse jovem pertence, em sua opinião, a uma “comunhão de virtuosos”. Não é a lógica matemática que mudará essa crença.

O mesmo pode ser dito do jovem cristão com inclinações homoafetivas que encontrou acolhimento na comunidade LGBT, mas não na igreja de que fazia parte. Embora a Bíblia condene as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, a forma equivocada como lidamos com os homoafetivos pode simplesmente levá-los a sair ainda mais rápido da igreja, especialmente quando cremos que somente o discurso fará efeito e esquecemos da afetividade envolvida.

A fé em Deus envolve afeto (amor), cognição (conhecimento) e vontade (obediência). A incredulidade, da mesma forma, envolve afeto, cognição e vontade, mas todos esses elementos são voltados ao próprio ego. O homem, seja ele nascido de novo ou ainda mergulhado no pecado, não consegue separar a integralidade que envolve os três elementos de razão, emoção e vontade.

O teólogo reformado James W. Sire definiu o exercício apologético de maneira bem precisa: “A apologética cristã apresenta ao mundo atento uma incorporação tão cativante da fé cristã que todo aquele que estiver disposto a observar encontrará um

testemunho convincente, intelectual e emocional de sua verdade fundamental”.[26]

A afirmação de Sire é importante porque ele posiciona, lado a lado, os aspectos intelectual e emocional. E é assim que a nossa vida funciona, pois não conseguimos separar nossa razão da emoção. A apologética também não deveria fazê-lo. Ao depender apenas da razão, a apologética cristã entra na armadilha do iluminismo moderno e, curiosamente, deixa de pensar de modo verdadeiramente cristão.

Apologética sob a ação do Espírito O texto de 1Timóteo 4 fala de apostasia e heresia, porém começa com uma observação curiosa: “mas o Espírito expressamente diz”. O que é possível aprender com essa expressão? O ministério do Espírito Santo envolve o exercício da correção e da apologia por meio, inclusive, da profecia e do discernimento de espíritos.

No cristianismo contemporâneo, o Espírito Santo quase nunca é associado ao trabalho apologético. Essa falta de dependência da ação divina é um erro comum entre cristãos diante dos males deste mundo. Enfrentar o mal apenas com ferramentas humanas não só é limitador, mas é, igualmente, arrogante, pois despreza a ideia central do cristianismo, que é a graça divina.

Outro ponto pouco levado a sério é que, muitas vezes, há uma atuação demoníaca por trás do erro doutrinário deliberado. Diante dos exageros do neopentecostalismo na chamada Teologia da Batalha Espiritual, os demais evangélicos e protestantes tendem a minimizar ou mesmo suprimir qualquer menção às atividades diabólicas em atuação dentro e fora da igreja.

Porém, a batalha espiritual bíblica, desprovida de superstições e exageros, é uma realidade que precisamos reconhecer. Cabe lembrar que a atividade de combate ao erro também passa pelo discernimento espiritual — que não é obtido meramente pela razão.

A sagacidade do diabo, que é capaz de se apresentar como um “anjo de luz” (2Co 11.14), exige de nós duas qualidades imprescindíveis na caminhada evangelizadora: a simplicidade das pombas e a prudência das serpentes (Mt 10.16). É em sinceridade,

pureza, franqueza e ausência de pompa e majestade que podemos encarar a realidade do mal sem nos encantarmos com sua falsa sofisticação. E é, também, na cautela, na precaução e na paciência em lidar com questões complexas que teremos o devido entendimento do caminho a seguir diante dos ataques sorrateiros de Satanás.

No Novo Testamento, o profeta não tinha uma função de formulador doutrinário, porque quem exercia esse papel era o colegiado apostólico. A igreja estava alicerçada na "doutrina dos apóstolos" e não na "doutrina dos profetas". O profeta neotestamentário, que sempre deve ser diferenciado do veterotestamentário, exercia outros papéis, entre eles o resguardo da doutrina dos apóstolos por meio do discernimento de espíritos.

A apologética não pode ser vista apenas como um exercício de polemistas. Como já pontuado, é fato que a apologética é um trabalho intelectual, mas essa verdade não apaga o caráter espiritual do combate à apostasia e à heresia.

No texto de 1Timóteo 4, Paulo mostra a dependência do ministério do Espírito para o discernimento sobre o tempo presente. "Essa é a única referência na carta a Timóteo ao ministério e à presença do Espírito na igreja. A função do Espírito aqui é transmitir (como fonte e capacitador divino) uma palavra profética", como observa o decano do Instituto Nida de Bolsas de Estudo Bíblicas na American Bible Society, Philip H. Towner.[27] Paulo nos ensina que o Espírito Santo capacita o homem numa palavra profética para discernir o erro.

"O discernimento de espíritos é a contrapartida e a garantia do profetismo", como pontuou o teólogo episcopal escocês William Robertson Nicoll (1851-1923).[28] O papel profético do discernimento não cessou. Há uma estreita ligação entre os dons de profecia e de discernimento de espíritos. O verbo "diz", em "mas o Espírito expressamente *diz*", está no presente do indicativo, ou seja, é uma qualificação no tempo presente. Towner comenta: "É interessante notar que Paulo presume a operação contínua do espírito de profecia na congregação".[29] O texto poderia ser entendido da seguinte maneira: "pois bem, expressando-se

verbalmente, o Espírito declara…". No Novo Testamento, a advertência do Espírito Santo à igreja sobre o engano satânico era parte da vivência carismática (At 11.27-28; 13.1-3). O discernimento não vinha apenas de uma reflexão racional sobre as Escrituras, mas também pela ação do Espírito.

Outro ponto interessante a notar é que a expressão "o Espírito expressamente diz" é comparável com outras expressões proféticas do Novo Testamento, como no caso de Apocalipse 2—3, em que há, diversas vezes, o uso da construção "quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz" (Ap 2.7,11,17,29; 3.6,13,22). Também é semelhante à profecia de Ágabo, em que ele afirma: "Isto diz o Espírito Santo" (At 21.11). Essa é uma fórmula nova e claramente diferente do "assim diz o Senhor" do Antigo Testamento. Paulo não usa essa nova fórmula para fazer referência a alguma profecia do Antigo Testamento, mas, sim, como afirma o teólogo americano Gordon Fee, para uma profecia presente.[30]

O discernimento de espíritos Se o exercício apologético é, também, uma batalha espiritual segundo os padrões bíblicos, precisa envolver oração, profecia e consciência de que a realidade não é apenas material. Diante de doutrinas demoníacas, para usar uma expressão forte do apóstolo Paulo, não bastam as ferramentas de lógica elementar e investigação empírica, nem a afetividade acolhedora. Há uma batalha espiritual, que precisa ser encarada *espiritualmente.* É lógico, então, que, para vencê-la, só mesmo com a ajuda de Deus.

O dom de discernir espíritos (1Co 12.10) é um complemento à profecia e, certamente, capacita espiritualmente a comunidade cristã para distinguir a verdade do erro em questões camufladas, sorrateiras e com aparência de piedade. Nem todo falso profeta será abertamente abjeto, hermeneuticamente crítico ou homileticamente vaidoso. Há muitos falsos profetas com trejeitos de espiritualidade, linguagem ortodoxa e certo ar de reverência, mas que são verdadeiros "filhos do diabo".

Aliás, sem vigilância, qualquer cristão pode se tornar um falsário da fé. No mesmo capítulo em que Pedro faz uma declaração correta sobre a pessoa de Jesus, dizendo: "Tu és o Cristo, o Filho

do Deus vivo” (reconhecendo, assim, a messianidade do Nazareno), o apóstolo recebe a reprimenda de Jesus por tentar declinar a ideia da morte redentora. O Senhor, então, declara: “Para trás de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, e não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens”. (Mt 16.15-23).

Como é possível repreender alguém instantes depois de o tal proferir um sermão belo e bíblico? Somente pela capacitação espiritual do Espírito Santo, pois é ele quem permite a iluminação sobre fatos obscuros. Que o Espírito de Deus nos ajude a discernir os tempos!

4. Legalismo e sectarismo

> *Jesus também contou esta parábola para alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros: "Dois homens foram ao templo para orar: um era fariseu e o outro era publicano. O fariseu ficou em pé e orava de si para si mesmo, desta forma: 'Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo o que ganho'. O publicano, estando em pé, longe, nem mesmo ousava levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: 'Ó Deus, tem pena de mim, que sou pecador!' Digo a vocês que este desceu justificado para a sua casa, e não aquele. Porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado".*
>
> Lucas 18.9-14

Alguns filmes têm enredos bastante previsíveis e é possível descobrir o fim da história já no trailer ou na leitura da sinopse. O mesmo acontece com a parábola do fariseu e do publicano, na qual o fariseu é condenado pelo seu orgulho religioso e o publicano é redimido em sua humildade. Para o leitor moderno, essa estrutura pode parecer óbvia, pois o farisaísmo virou sinônimo de hipocrisia, orgulho e religiosidade de aparência. Mas, para os primeiros leitores dos evangelhos, essa realidade não era tão explícita.

Os fariseus eram leigos ou escribas religiosos que defendiam a ortodoxia judaica e buscavam a santificação da nação de Israel. Eles, como herdeiros da tradição de Esdras, dedicavam-se ao

estudo da lei mosaica, mas não eram oficiais do templo nem estavam ligados ao sacerdócio. Na teologia dos fariseus, toda casa era um templo, toda mesa era um altar e todo homem era um sacerdote.[31]

Os fariseus não tinham poder político-religioso constituído, embora tentassem com frequência persuadir grupos de ascendência da época e, como organização, também exerciam influência na sociedade. Os judeus comuns viam os fariseus com bons olhos e eles eram tidos como pessoas piedosas e zelosas.

Diferente dos saduceus, os fariseus se posicionavam contra o domínio romano em Israel, embora essa oposição fosse mais apolítica do que militante — também diferenciando-se do fervor revolucionário dos zelotes. Como lembra o erudito americano Merrill C. Tenney, especializado em Novo Testamento, os fariseus "se opunham à aristocracia dos sacerdotes, que mais estava interessada no oportunismo econômico e político do que no fervor religioso".[32] É interessante observar que os judeus da época de Cristo não viam os fariseus como legalistas, porque a observância rigorosa do sábado e das leis *kosher* (purificação, regulamentos alimentares) eram símbolos do nacionalismo judaico.[33]

O farisaísmo era, também, a base educacional e teológica de Paulo e o apóstolo costumava lembrar de sua herança como fariseu de modo bem positivo (Fp 3.5; cf. At 22.1-3; 26.5).[34] Em termos doutrinários, Jesus estava mais próximo dos fariseus do que de qualquer outro grupo judaico do primeiro século.

Se, de um lado, temos na parábola de Jesus um fariseu, na outra ponta da história temos um publicano. Os publicanos eram cobradores de impostos e estavam na categoria de funcionários médios da burocracia romana, junto com juízes, administradores de mercados, funcionários de prisão e gerentes de propriedades rurais.[35]

Diferente dos fariseus, os publicanos estavam entre os mais detestados pelo povo. Eles tinham fama de traidores e colaboracionistas, já que eram judeus que trabalhavam para os dominadores romanos. Esses cobradores de impostos envolviam-se frequentemente com subornos, abusos de poder e corrupção.

Muitos publicanos eram pequenos comerciantes, alguns prósperos, [36] mas, ainda assim, não desfrutavam de nenhum prestígio entre seus compatriotas.

Tanto a literatura rabínica quanto a romana associavam o cobrador de impostos ao roubo. Na *Mishná*, [37] os cobradores de impostos "eram classificados na mesma categoria que os assassinos e ladrões." [38] A expressão "publicanos e pecadores" soava como sinônimo (Mt 9.10), pois "pecadores" era um termo técnico "para designar profissões desprezadas, consideradas suscetíveis de impureza ritual e outras máculas". [39] Grande parte do desconforto dos judeus com os romanos, além dos atritos ligados ao culto, estava especialmente relacionada à sobrecarga de impostos. [40]

"Não somos como os demais"

Diante do exposto, está claro que os primeiros ouvintes de Cristo e leitores dos evangelhos não esperavam o enredo que Jesus elaborou para sua parábola. Os fariseus eram sinônimo de piedade e patriotismo e os publicanos, de corrupção e entreguismo. Entre os contemporâneos do Senhor, quem poderia imaginar o publicano justificado e o fariseu condenado?

Jesus não contou essa história para que o leitor moderno fosse informado da vaidade religiosa do fariseu, mas para que possamos observar como a nossa própria religiosidade pode ser um poço cheio de jactância autoafirmativa.

O legalismo é o apego excessivo à lei. Em nossos dias, normalmente definimos o legalismo com a ideia de que é possível alcançar a graça de Deus mediante o próprio esforço. Os legalistas, assim sabemos, confiam em si mesmos e "são puros aos seus próprios olhos" (Pv 30.12). Mas, como a erudição bíblica vem apontando nas últimas décadas, os fariseus não eram, no todo, crentes na salvação pelas obras, embora possuíssem um intenso orgulho dos símbolos da aliança de Deus com a nação de Israel.

A observância estrita da lei mosaica era uma forma de autoafirmação identitária e os seus tabus comunais não visavam, necessariamente, à salvação escatológica, mas objetivavam a

diferenciação dos demais judeus e gentios. Implicitamente, a parábola mostra que o fariseu acreditava que não cometera os pecados descritos contra o decálogo, nem se associara aos pecadores.[41] Ele não se via como os "demais homens".

A parábola expressa bem o risco de legalismo e já começa pela explicação prática: "Jesus também contou esta parábola para alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros" (v. 9). O foco está no desprezo do outro. No decorrer da história da igreja, observamos a utilização de confissões de fé, usos e costumes e tradições como ferramentas legítimas, mas, ao mesmo tempo, como meios de autoafirmação orgulhosa.

"Não somos como os demais" era o tipo de frase que eu ouvia no início de minha fé, em uma igreja pentecostal de tradição pietista excessivamente preocupada com modos de vestir e com entretenimento. Hoje, graças a Deus, essa realidade melhorou em meu meio, mas, naquela época, era visível como os usos e costumes serviam a uma afirmação identitária paradoxalmente orgulhosa — era a vaidade de não ter vaidade.

Jesus não odiava os fariseus. Em muitos momentos, ele jantou na casa de alguns deles e, inclusive, fez do fariseu Saulo de Tarso um de seus apóstolos. Como apontado no início deste capítulo, Jesus e os fariseus tinham uma teologia próxima e imagino que, se os fariseus escrevessem uma Teologia Sistemática, Jesus poderia até prefaciá-la.

Os fariseus tinham boas intenções. Eles queriam simplesmente que o clero agisse como clero, ou seja, que conduzisse o povo à santificação. Mas, no afã de resguardarem a santidade da nação, muitos fariseus se tornaram apenas críticos hipócritas que desprezavam os outros.

O maior problema dos fariseus não era, digamos, um pelagianismo antes de Pelágio, mas a ideia fixa em "marcadores de identidade". A comida, a roupa, a oração, o modo de estudar as Escrituras... tudo servia como um jeito de ser diferente dos demais. Enquanto isso, para Jesus, o verdadeiro marcador de identidade não era a comida ou a roupa, mas o amor: "Nisto todos conhecerão que vocês são meus discípulos: se tiverem amor uns aos outros" (Jo 13.35).

Os efeitos progressivos do legalismo Certa vez ouvi um pastor dizer, orgulhosamente, que não aceitava o uso de “roupas imorais” entre os membros de sua igreja. A questão é que “imoral” era, em sua concepção, qualquer roupa fora do seu padrão cultural. É interessante como em todos os períodos históricos existe uma confusão entre a cultura na qual o crente foi criado e a sensação subjetiva de que essa cultura representa a “vontade de Deus". Curiosamente, a ligação entre legalismo e sectarismo “nacionalista" é muito comum. Alguns, até hoje, confundem santidade com cultura vitoriana.

Mas, diante disso, também podemos perguntar: essa comunidade não tem o defeito da imoralidade porque tem a virtude oposta, ou seja, a modéstia e o pudor? Ou essa comunidade não tem o defeito da imoralidade porque tem o “defeito oposto”? Ou seja, não é devassa porque é legalista — e não porque seja modesta. Como afirmou o escritor inglês G. K. Chesterton: “É uma boa coisa ser inocente de qualquer excesso; mas certifiquemo-nos de que não somos inocentes de um excesso meramente por sermos culpados de uma deficiência”. [42]

Por que viver no legalismo é mais fácil do que viver na liberdade proporcionada por Cristo? O legalismo — com o *slogan* “faça isto, não faça aquilo” — nos permite funcionar no automático. Ele gera em nós a falsa sensação de que estamos agindo corretamente. É como se estivéssemos fazendo uma maratona de seriados, pensando que estamos aproveitando a vida, quando, por horas, não saímos do lugar. O legalismo é uma porta larga. Os teólogos Ana Márcia Guilhermina de Jesus e José Lisboa Moreira de Oliveira definem bem as três marcas progressivas do legalismo:

> A primeira é a falta de sensibilidade e de humanidade. A pessoa se torna um monstro guiado pela lei do dever, não tendo misericórdia e compaixão diante da fragilidade alheia.
>
> A segunda é o despertar dos instintos mais baixos que o sujeito acreditava controlar. Sufocado e reprimido pela lei e pelo dever, o prazer se transforma em bestialidade ou em conflitos interiores contra os quais a pessoa não tem solução a não ser deixar que extravasem.

> Disso resulta uma terceira atitude, que é a hipocrisia. Vivendo de forma animalesca, o sujeito tende a ser moralista e cruel para esconder, sob tal aparência, a sua ambiguidade. Vivendo no inferno, a pessoa, mesmo inconscientemente, tende a transformar a vida dos outros num inferno. Vivendo sem prazer de viver, odeia quem vive prazerosamente e tudo fará para desmanchar o prazer de viver dos outros.[43]

Mas o legalismo não transforma o caráter de indivíduo. O legalista confunde moral com militância pela moralidade. Por isso há discrepância entre aquilo que se diz, aquilo que se faz e aquilo que se é. Em suma, viver de legalismo é viver de aparência. Por outro lado, a liberdade causa dor, e ninguém gosta de sentir dor: a dor da consciência, a dor das escolhas diárias pelo caminho que escolhemos e, por fim, a dor da nossa transformação interna.

Ninguém que passa por algum tipo de transformação deixa de sentir a mudança. A liberdade nos impede de sermos estáticos. Ela nos retira do conforto habitual e nos confronta com uma realidade superior e completa: a de Cristo. Difícil é para a humanidade se humilhar e reconhecer seus limites: a liberdade nos humilha para que Cristo possa crescer em nossa vida. A dor persiste enquanto a transformação diária opera — a isso a teologia cristã chama de “santidade progressiva”. Mas essa dor diminui na medida em que nos leva mais próximos de nosso libertador, Jesus Cristo.

Legalismo como sectarismo Certa vez conheci um pastor que visitou uma igreja de sua própria denominação em uma cidade vizinha à dele. Apesar da proximidade geográfica e do fato de ambas as igrejas pertencerem ao mesmo colegiado de pastores, a diferença nos usos e costumes era visível e, também, era uma divisão conhecida entre essas igrejas coirmãs. No culto de Ceia, a esposa desse pastor não recebeu o cálice e o pão. Ao indagar ao diácono por que havia pulado sua esposa, o pastor recebeu como resposta que naquela igreja só se serviam os elementos da Ceia para quem fosse “crente” e seguisse os “usos e costumes”.

Parece bem anacrônico, e é, mas devemos lembrar que, na realidade brasileira, o legalismo ainda é um foco de sectarismo, embora hoje, graças a Deus, o problema seja menor do que no passado. Mas, por incrível que pareça, há quem não veja o outro como um irmão por causa de adornos, vestimentas e prática de esportes. Em algumas igrejas, especialmente em comunidades pentecostais — e falo com todo respeito, porque também sou pentecostal —, o legalismo dos usos e costumes ainda é um problema a ser superado. No passado não tão remoto, inúmeras congregações se dividiram por causa de divergências em usos e costumes.

O legalismo dos usos e costumes é perigoso porque facilita um discurso em prol de salvação pelas obras. Embora nem todo legalista afirme explicitamente a salvação como uma obra humana, no inconsciente, o legalista acha que precisa fazer alguma coisa para ser salvo. Orações, preces, sacrifícios, adoração, lamentações… não há nada que possamos fazer para deixar Deus impressionado. Não há nada que "mova o braço de Deus". Ele não é um ídolo-pagão alimentado pelos sacrifícios e agrados dos homens. O Senhor, que de nada necessita, não pode ser comprado.

É necessário repetir bem alto para todo coração legalista: a nossa bênção não depende daquilo que fazemos, mas, sim, da misericórdia e bondade do Senhor. Portanto, desprezar um irmão em razão de usos e costumes é uma das tragédias do sectarismo e, por fim, acaba sendo uma espécie de orgulho espiritual. [44]

5. O sectarismo é um problema da alma

> *João disse a Jesus: "Mestre, vimos um homem que expulsava demônios em seu nome, mas nós o proibimos de fazer isso, porque não nos seguia". Mas Jesus respondeu: "Não o proíbam, porque não há ninguém que faça milagre em meu nome e, logo a seguir, possa falar mal de mim. Pois quem não é contra nós é a favor de nós".*
>
> Marcos 9.38-39

O exorcismo era uma prática frequente no ministério de Jesus, embora o Senhor em nada lembrasse os exorcistas pagãos do primeiro século, que dependiam de superstições, magias e danças ritualísticas. Em diversas ocasiões, os evangelhos registram confrontos de Jesus com Satanás e outros demônios (Mc 1.21-28; 7.24-30; Mt 4.1-11; 12.43-45).

No judaísmo da época, a prática do exorcismo não era incomum. Alguns praticantes se baseavam na autoridade de Salomão — tido pela tradição judaica como um destacado militante contra as forças das trevas — e, outros, na do arcanjo Miguel — o anjo que disputou com o diabo pelo corpo de Moisés (Jd 1.9).

Sobre Salomão, o historiador judeu do primeiro século Flávio Josefo relata que "Deus lhe concedeu perfeito conhecimento da natureza e de suas propriedades e ele escreveu um livro no qual empregou esse conhecimento em compor, para utilidade dos homens, diversos remédios. Alguns deles tinham até mesmo força para expulsar demônios, que não se atreviam a voltar".[45]

Na tradição dos exorcistas, até a fumaça da brasa de um peixe expelia os demônios. No livro apócrifo de Tobias (6.9), o anjo diz ao jovem: "Se puseres um pedaço do coração sobre brasas, a

sua fumaça expulsará toda espécie de mau espírito, tanto do homem como da mulher e impedirá que ele volte de novo a eles".

Diante desse ambiente com tantos especialistas na arte de expulsar espíritos imundos, surge no caminho de Jesus e dos discípulos um desconhecido. Não sabemos o nome dele e nem se ele fazia parte dos setenta. Mas, mesmo anônimo, esse homem expulsa demônios "em nome de Jesus" e não pela autoridade de Salomão ou por mágicas pagãs.

O fato incomoda João e os demais discípulos. Aquele homem não era do "clube", não tinha "carteira de membro" e, do nada, começou a expulsar demônios — sendo que, pouco tempo antes, os apóstolos falharam em fazê-lo (Mc 9.14-29). Diferente dos exorcistas ambulantes de Éfeso, que tentavam expulsar demônios usando o nome de Jesus como uma espécie de amuleto (At 19.13-16), esse exorcista desconhecido nutria fé legítima em Cristo.

Curiosamente, João manifesta o mesmo ciúme de Josué quando contemplou Edade e Medade profetizando fora do arraial (Nm 11.24-30). Josué entendeu aquela manifestação profética como um desafio à liderança de Moisés. Já João pensou que aquele exorcista não tinha legitimidade para agir em nome de Jesus porque não fazia parte do grupo. Como explica o clérigo anglicano inglês R. T. France, "O que João está procurando não é tanto fidelidade pessoal e obediência a Jesus, mas a adesão ao círculo 'autorizado' de seus seguidores".[46] E, assim como Josué ouviu a repreensão de Moisés contra o ciúme exclusivista, Jesus também repreendeu João e os discípulos.

A preocupação de João era clara: esse exorcista "não nos segue". Assim como João, temos a tendência de achar que quem não nos segue não segue a Cristo. Nada mais enganoso do que o nosso coração vaidoso!

Assim, confundimos a fidelidade a nossos ideais, costumes e tradições com a fidelidade ao próprio Cristo. E, pior, a divergência que nasce no campo intelectual rapidamente passa para o afetivo ou, como pregou John Wesley no sermão *Um cuidado com a intolerância*, o afeto vira o campo de batalha:

> As diferenças que começam em pontos de opinião raramente terminam aí. Elas geralmente se espalham pelos afetos e, depois, separam os principais amigos. Também não há animosidades tão profundas e irreconciliáveis como as que brotam da discordância na religião. Por isso, os inimigos mais amargos de um homem são os de sua própria casa. [...]
>
> Não é, portanto, nada mais do que podemos esperar se aqueles que diferem de nós, seja nas opiniões religiosas, seja na prática, logo contraem uma agudeza, sim, amargura para conosco; se são cada vez mais preconceituosos contra nós, até conceberem uma opinião tão má das nossas pessoas quanto dos nossos princípios.[47]

João era jovem e intolerante. O ímpeto da juventude e da intolerância costumam caminhar na mesma direção. Lembro-me de uma observação do escritor francês François Mauriac: “A juventude não é o momento para acordos, para fazer concessões; o jovem exige o absoluto. Daí as loucuras e essas meias-loucuras, esses suicídios e meios-suicídios: quão lentamente eles se destroem, se não se matam!”.[48]

João, junto com seu irmão, Tiago, queria incendiar os samaritanos (Lc 9.54) e ainda desejava sentar-se à direita de Jesus em seu reino (Mc 10.35), que ele imaginava ser terreno. Não é à toa que Jesus chamou essa dupla explosiva de “filhos do trovão” (Mc 3.17). Felizmente, Jesus amou João e esse amor quebrou a intolerância do discípulo. Já velho, a linguagem do apóstolo era de pai amoroso (1Jo 2.1,12; 2.18,28; 3.7,18; 4.4).

A lição de Jesus A lição de Cristo é preciosa. Em primeiro lugar, quando alguém se depara com Jesus, não há como manter neutralidade. Ou o coração se derrete diante dele, em amor, ou rapidamente se endurece, como uma rocha fria e estática. Dificilmente alguém ficará indiferente a Jesus. Como aquele exorcista fazia a sua ação com base na crença do poder de Jesus, cedo ou tarde essa confiança viraria doxologia, isto é, expressão de louvor, honra e glória a Deus. Para Jesus, como o homem tinha fé nele para a prática de um exorcismo em seu nome, certamente essa

fé era traduzida em adoração. Aquele exorcista não falaria mal de Cristo.

Em segundo lugar, Jesus nos ensina que “quem não é contra nós é a favor de nós”. Essa afirmação é uma espada em todo espírito exclusivista e paranoico que enxerga inimigos em todos os cantos, assim como é contra aquele espírito altivo que apropria a igreja como propriedade particular de alguns iluminados.

Todas as tradições cristãs podem cair na tentação de resumir o reino de Deus aos seus postulados periféricos, mas Jesus nos lembra: quem está fora da minha bolha eclesiástica não necessariamente é adversário do reino de Deus. Infelizmente, essa mensagem de tolerância tem sido ignorada pelos fanáticos de todos os tempos ou, como escreve o comentarista bíblico James A. Brooks, “a exclusividade, em vez da inclusão, tem sido a regra”[49] na história da igreja.

Muitas vezes, a preocupação legítima do sectário com a correção doutrinária ou com o zelo religioso é apenas um verniz que esconde o desejo ciumento de excluir quem não pertence ao seu grupo. Por crer em um amor limitado de Deus, o cristão ciumento olha alguém “de fora” como um desafio à sua posição de amado. O outro, ainda que confesse Cristo como Senhor e Salvador, não é um irmão, mas uma ameaça ao “meu *status* de filho”. Assume-se, assim, uma postura defensiva e violenta.

Esse senso de “propriedade particular” é uma forma insegura e inquieta de autoafirmação identitária. Que terrível sina é para o crente opor-se à obra de Deus pensando que está servindo ao Senhor com o seu zelo sem entendimento (Rm 10.2)!

O exorcista desconhecido é uma espécie de “modelo do desejo" ou “desejo mimético”, para usar uma expressão do erudito francês René Girard. João e os apóstolos possivelmente desejavam ser como esse exorcista, porque ali estava alguém de sucesso. Mas, como o “sucesso” parecia distante deles, passa-se intuitivamente para a ideia de superação do rival pela supressão de sua liberdade.

No desejo mimético, o homem deseja alcançar o mesmo que o outro e, nesse processo, nascem rivalidade e vingança. A violência humana — e a violência sectária — está totalmente ligada

a essa rivalidade da força imitativa. Paradoxalmente, os homens desejam a mesma coisa, mas isso não os une; antes, os torna competidores.

João e os discípulos não foram os únicos que manifestaram tendências sectárias movidos por ciúmes. Esse problema também foi observado em Corinto. Paulo chama a atenção da igreja exatamente nesse ponto (cf. v. 3; 1Co 3.1-9). No final do primeiro século, Clemente, bispo de Roma, exortava os coríntios pela mesma razão: “O amor nada sabe de cisão ou revolta” (1Clemente 49.5). Um documento do início da igreja recomendava: “Você não deve começar uma facção, mas reconciliar os que se desentenderam”. [50] O ciúme é fruto do egocentrismo, segundo o qual nada pode ser divido sem o “meu controle”. O ciumento é inseguro sobre o seu objeto de amor e desenvolve um medo irracional de perder afeto diante de uma ameaça externa imaginária ou real. O apóstolo sinaliza que isso é viver “segundo os padrões humanos” (v. 3).

Mas a Bíblia não trata o ciúme como uma virtude de Deus? Sim, é verdade. “O nome do Senhor é Zeloso; sim, ele é Deus zeloso” (Êx 34.14; cf. 2Co 11.2; Hb 10.27). Porém, o ciúme de Deus não vem do medo da disputa, nem da carência de afetividade. O Deus trino não tem vazio, insegurança ou ociosidade. Ele é eternamente relacional. O ciúme de Deus diz respeito ao seu caráter de amor totalizante. Não há espaço para outros amores — o amor divino abarca todas as esferas. O ciúme de Deus reúne em um único conceito seu zelo justo e firme e seu amor misericordioso e tolerante (Êx 20.5-6).

6. Sectarismo nacionalista

O nacionalismo é a fome de poder temperada pelo autoengano.

George Orwell

O nacionalismo, a noção da nação deificada, é uma das formas mais primitivas de idolatria e sempre esteve presente, ao longo da história, como elemento de disputas e guerras. Nas religiões pagãs, os deuses eram tidos como protetores nacionais e tinham ligação com a regulação do clima e com o poderio militar da nação. Na essência do nacionalismo, o coletivo é revestido de divindade que sustenta e justifica a violência.

O nacionalismo também é uma das principais fontes de sectarismo no seio das quase todas as religiões, inclusive do cristianismo, como podemos observar na esteira da nossa história. Católicos na Polônia, ortodoxos na Rússia, luteranos na Alemanha, neocalvinistas na África do Sul, puritanos na Inglaterra e nos Estados Unidos... seja como for, o cristianismo vem contemplando a força entusiasmada e inebriante do nacionalismo — no passado e no presente.

O próprio Lutero aproveitou o sentimento nacionalista dos príncipes alemães para alavancar a Reforma: “Por um lado, Lutero solapou os fundamentos da autoridade romana e, por outro, invocou tanto a fé cristã como o nacionalismo para a causa”. [51]

Jesus conviveu de perto com nacionalistas. Ele tinha, inclusive, dois deles no grupo principal de discípulos: os zelotes Simão (não o Pedro) e Judas Iscariotes. No primeiro século, os zelotes estavam tão inflamados pelo purismo étnico que carregavam punhais e conspiravam assassinatos. Comprometidos em defender

a nação de Israel, um zelote seria capaz de matar um judeu que tivesse contato sexual com uma mulher gentílica.

Mas os zelotes, apesar de inflamados, não eram o único grupo sectário do primeiro século. Jesus viveu em um período em que diferentes segmentos disputavam a essência da verdadeira religião judaica, a saber, fariseus, saduceus e essênios.

Na história do cristianismo, os nacionalistas usaram e abusaram da teologia para justificar o injustificável. Exemplo disso é o conceito bíblico de eleição, que, na tradição hebraica, sofreu diversas interpretações nacionalistas e, igualmente, na tradição protestante, a Doutrina da Eleição serviu como justificativa ideológica de sentimentos de fervor provinciano. Na África do Sul, por exemplo, o grupo étnico dos africânderes exerceu o poder mediante o sistema do *apartheid* e, como reformados holandeses, justificavam a escala social racista pela Doutrina da Eleição.

Curiosamente, o nacionalismo eletivo sempre floresce quando o "eleito" interpreta a eleição como um privilégio de poucos, de cunho exclusivista, e não como uma responsabilidade missionária. Durante o século 17, os puritanos da Inglaterra, por exemplo, viram o Reino Unido como o "novo Israel" e os Estados Unidos como a "nova Canaã". No entanto, quando corretamente entendida, a Doutrina da Eleição mina qualquer pretensão de orgulho nacional.

A Doutrina da Eleição Essa doutrina é matéria de grande controvérsia no seio do cristianismo protestante. O calvinismo defende a chamada eleição incondicional, ou seja, Deus teria escolhido alguns indivíduos para a salvação, enquanto outros expoentes dessa corrente, incluindo o próprio João Calvino, afirmam que Deus escolheu ativamente indivíduos para a perdição. O arminianismo, por outro lado, defende que a eleição é baseada na presciência de Deus.

É interessante observar que essas duas correntes já estavam presentes na época patrística. Orígenes defendia a eleição pela presciência e Agostinho tratava a escolha eletiva como naturalmente arbitrária.[52] O que as duas escolas de pensamento têm em comum é a crença no fato de que a dinâmica da eleição é

primordialmente individual. Independente das opiniões, é fato que a Doutrina da Eleição está nas Escrituras.

Nas últimas décadas, especialmente com o avanço da chamada Teologia Bíblica e na esteira das discussões a respeito da Nova Perspectiva sobre Paulo (NPP), a erudição bíblica passou a prestar mais atenção nos antecedentes judaicos do Novo Testamento. No século 19, a Teologia Liberal, no afã de destacar o helenismo do Novo Testamento, acabou produzindo um Paulo mais grego que judeu. A velha heresia do marcionismo estava de volta. Em parte, esse processo de "desjudaizar" o Novo Testamento era consequência direta do forte antissemitismo presente na cultura alemã.

Mais recentemente, especialmente após as descobertas dos manuscritos do Mar Morto, os eruditos passaram a buscar uma fonte riquíssima para o entendimento sobre o ambiente teológico do Novo Testamento: o período intertestamentário ou o chamado período do segundo templo.

Essencialmente, o pensamento religioso do período intertestamentário "retém todas as características essenciais da fé do Antigo Testamento".[53] Diante disso, a chave para compreender essa difícil doutrina está no pensamento antropológico dos hebreus e na própria eclesiologia do Novo Testamento.

Os hebreus, diferente dos ocidentais, não viam o homem primeiramente a partir da perspectiva individualista. No Antigo Testamento, "a vida é sempre um estar-em-relação".[54] Mesmo sendo crítico do conceito do "misticismo primitivo", que defendia que, em Israel, o indivíduo praticamente não existia (o que é um exagero), o teólogo anglicano John William Rogerson admitia: "Continua sendo provável que os israelitas viam a sociedade como um agregado de grupos e não como uma coleção de indivíduos, que no culto o rei podia incorporar as aspirações de toda a comunidade e que os indivíduos no culto ou na oração podiam sentir que suas experiências eram as de todo o grupo".[55]

Por essa perspectiva, o eleito é a nação da Israel e a eleição é, acima de tudo, corporativa. "Só raramente a escolha divina se refere a indivíduos (com exceção de reis)",[56] mas o rei "não é um

governante divino ao estilo pagão, mas é eleito por Deus para garantir a direção divina do destino do povo sobre um fundamento religioso. É por causa de Israel que Deus estabelece Davi (2Sm 5.12); o povo do rei é povo de Deus (Sl 28.8)".[57] O rei, por assim dizer, é um arquétipo representativo de povo eleito.

No Novo Testamento, Jesus é apresentado como o eleito (Lc 9.35; 1Pe 2.4,6). Da mesma forma, a igreja, enquanto comunidade, é a eleita (Ef 1.4; 1Pe 1.1; 2.9; 2Jo 1.1,13; Ap 17.14). A igreja é, assim, "continuidade fundamental, ou orgânica, de Israel na qualidade de povo eleito de Deus".[58]

A qualificação da comunidade como "reino de sacerdotes, nação santa e povo eleito" remonta ao Antigo Testamento (Êx 19.6; Is 43.20). Numa perspectiva escatológica, a comunidade de Qumran se descrevia corporativamente como "eleita pela graça".[59] No conhecido trecho sobre a eleição, escrito pelo apóstolo Paulo aos Efésios (Ef 1.3-14), ele menciona que a igreja é escolhida, predestinada, filiada, redimida, além de ser herança e posse do Senhor.

É importante apontar que todos esses termos são usados no Antigo Testamento para se referir a Israel. Veja, por exemplo, as palavras: "escolhido" e "predestinado" (Dt 4.37; 7.8), "filiação" (Dt 14.1), "redenção" (Is 41.14), "herança" (Dt 4.21) e "posse" (Êx 6.8; 19.5).[60] Mesmo o famoso texto de Isaías 29.16, citado por Paulo em Romanos 9.20, está claramente em um contexto comunitário.[61]

A frequente objeção de que a eleição corporativa não é a eleição do povo, mas a eleição de um conjunto vazio desconsidera que a eleição de um povo sempre começa pelo *indivíduo representativo*. A eleição de Israel se inicia em Abraão e a eleição da igreja começa em Cristo. Enquanto isso, a nossa eleição individual não é divorciada de Cristo nem da igreja, pelo contrário, está subordinada a essa realidade comunitária.

Na teologia hebraica, a eleição não é um conceito exclusivamente soteriológico. "A eleição de Israel é uma eleição para responsabilidade e obrigação, não meramente para uma posição de privilégio. O AT não concebe a eleição como um ato de

favoritismo”.[62] A nação de Israel havia sido eleita para tornar-se um povo separado para o Senhor (Dt 14.2), mas, em muitas oportunidades, os israelitas confundiram o *status* de eleito com o orgulho nacionalista e cultivaram uma certeza arrogante na proteção de Javé (Jr 7.3-10; Mq 3.11).

Com o tempo, infelizmente, a nação de Israel esqueceu que a eleição era um ato da misericórdia divina e não se dava pela grandeza da nação (Dt 7.6-11; 9.4-5). A eleição tinha o objetivo primário de tornar Israel uma bênção para todas as nações (Gn 12.1-3) — era uma eleição de efeito missionário (Is 42.1; 43.10).

O teólogo anglicano Christopher Wright pontua sabiamente: “A eleição precisa ser vista como uma doutrina da missão, não como um cálculo aritmético da salvação”.[63] O missiólogo reformado Lesslie Newbigin, que também relaciona a eleição com o propósito missionário, escreveu: “É a universalidade do amor salvífico de Deus que é a razão pela qual ele escolhe e chama uma comunidade para ser a mensageira da sua verdade e a portadora do seu amor por todas as pessoas. Mais uma vez, temos de lembrar que a verdade e o amor só podem ser transmitidos se estiverem incorporados numa comunidade que pensa e ama”.[64]

N. T. Wright, outro erudito de tradição anglicana, expõe, em sua obra magna *Paul and the Faithfulness of God*, um longo ensaio sobre a Doutrina da Eleição, mostrando que, na teologia paulina, esse tema está ligado à messianidade de Jesus. Wright afirma: “A cristologia, nos vários sentidos que essa palavra deve assumir, é a primeira grande lente através da qual Paulo contempla a antiga doutrina da eleição de Israel”.[65] Wright nos lembra que o Messias é aquele que cumpre as responsabilidades da nação eleita e a incorpora.[66] O Messias é o eleito por excelência:

> Defendemos que Paulo considerava Jesus como o Messias de Israel, e que ele via e expressava essa crença em termos da *soma do Messias de Israel em si mesm*o, lançando assim uma nova solidariedade na qual todos aqueles “nele” seriam caracterizados pela sua “fidelidade”, expressa em termos da sua morte e ressurreição.

> Esta, sugiro agora, é a chave e o fundamento para a forma como Paulo retrabalhou a crença judaica na eleição de Israel. Dentro disso, é a chave e o fundamento para a sua famosa doutrina da justificação. *A junção do Messias com Israel fornece um caminho para o próprio coração das crenças soteriológicas de Paulo*, que reúne os elementos regularmente desmembrados de seu pensamento e escrita em um todo completo e coerente. (grifos meus)[67]

Mas a Bíblia não menciona a eleição de indivíduos? Sim. Observe, por exemplo, a passagem em 1Reis 8.16: "Desde o dia em que eu tirei o meu povo de Israel do Egito, não escolhi cidade alguma de todas as tribos de Israel para edificar alguma casa, para ali estabelecer o meu nome; porém escolhi a Davi, para que governasse sobre o meu povo de Israel". O texto fala simultaneamente da eleição de Jerusalém e de Davi.

Embora Davi seja um indivíduo, ele é, acima de tudo, o representante institucional da nação. Nossa perspectiva ocidental não consegue captar muito bem a ideia de um indivíduo que seja o arquétipo de um povo, mas essa mentalidade de "solidariedade" era comum aos povos antigos, inclusive Israel.[68]

A eleição corporativa não exclui a dimensão individual da eleição. Os expoentes da eleição corporativa não negam individualidade eletiva, mas avaliam qual é a "orientação primária da eleição".[69] Essa orientação primária, naturalmente, não elimina a orientação secundária.

O calvinismo não nega a eleição corporativa e reafirma essa corporatividade sobre as bases da eleição individual. Embora o calvinismo tenha recebido essa influência de Agostinho, não é exagero especular que o ambiente renascentista, humanista, da educação europeia tenha facilitado esse foco no indivíduo. O que, naturalmente, foi incrementado com o advento do Iluminismo, ambiente histórico do escolasticismo reformado.[70]

Assim como no antigo Israel, a ênfase exagerada na Doutrina da Eleição também produziu nacionalismos de fundo religioso, como é o caso da América puritana e, mais recentemente, no movimento

do Destino Manifesto. Embora os países de influência calvinista (Países Baixos, Inglaterra puritana, América inglesa) tenham desenvolvido mais rapidamente o conceito de igualdade, direitos humanos e democracia representativa, ao mesmo tempo, produziram uma política persistente de segregação (negros na América do Norte e África do Sul, além dos aborígenes na Austrália).

Esses fenômenos segregacionistas, xenofóbicos e nacionalistas foram chamados pelo teólogo alemão Wolfhart Pannenberg de "fé secularizada na eleição".[71] Enquanto isso, os católicos (portugueses e espanhóis), mesmo mais dependentes da desigualdade, do autoritarismo e da hierarquia, aderiram com menos resistência à miscigenação.[72]

O conceito de eleição corporativa, embora, hoje, seja associada aos teólogos arminianos, não era a visão de Jacó Armínio e nem mesmo dos primeiros arminianos da Remonstrância.[73] Como já mencionado, tanto o arminianismo quanto o calvinismo desenharam a Doutrina da Eleição em termos individualistas. A perspectiva corporativa ganhou mais espaço na erudição católica e protestante (especialmente entre os eruditos anglicanos) à medida que os teólogos deram mais vazão à matriz judaica do Novo Testamento.

O aprofundamento no Antigo Testamento não é apenas importante para entender o processo de descontinuidade entre as alianças, mas, acima de tudo, para compreender o que recebeu continuidade, com nova roupagem, do Novo Testamento. É impossível entender o Novo Testamento sem uma boa compreensão do Antigo. Faz-se urgente, também, descartar a influência de qualquer processo antissemita na leitura das Escrituras. Devemos, por assim dizer, evitar os extremos dos judaizantes sem cair nos extremos dos antissemitas.

Curiosamente, talvez a primeira defesa mais enfática no último século da eleição corporativa tenha sido a do teólogo reformado Karl Barth. Barth defendia a eleição cristocêntrica e criticava os reformadores pela fraqueza em apontarem a "fundamentação cristológica" da eleição.[74] Barth defendia a ideia

de que, na cruz, Jesus era tanto o opróbrio quanto o eleito de Deus. Em um texto de 1931, intitulado *A eleição de Deus em graça*, Barth observa:

> Nem sempre se levou devidamente a sério o princípio de que não devemos reconhecer o que significa eleição e rejeição à base de algum modelo de pensamento de origem lógica, nem, portanto, das imagens da nossa experiência, e sim em Jesus Cristo, e somente nele. [...] Não se esclareceu com a devida nitidez o que se queria dizer ao afirmar, com o Novo Testamento, que justamente "nele", em Cristo, é que estamos eleitos e que, portanto, devemos reconhecer nossa eleição precisamente e apenas "nele". [...] 'Eleitos em Cristo' indica-nos ainda o reconhecimento da eleição a partir da ressurreição de Jesus Cristo. Fico espantado com o fato de que precisamente ao fazer esta reflexão final sobre a fundamentação cristológica da doutrina da predestinação, o quanto vejo, não posso apoiar-me nem em Agostinho, nem em Lutero, nem em Calvino.[75]

Outro nome proeminente da teologia protestante europeia que defendia enfaticamente a eleição corporativa era o luterano Wolfhart Pannenberg, que afirmou: "O ato da eleição dirige-se a pessoas individuais não em sua dissociação de todas as relações sociais, mas com uma função determinada em favor do povo",[76] ou, em outras palavras, a eleição individual acontece tão somente dentro do aspecto corporativo da nação de Israel e do corpo de Cristo.

O povo de deus e a eleição corporativa É provável que a eclesiologia seja uma das maiores fraquezas do protestantismo. Pulverizado diante de inúmeras disputas teológicas e políticas, o protestantismo enxergou em tempo real a fragmentação de um organismo que deveria pulsar em torno de um propósito único.

O apóstolo Paulo, em sua elevadíssima visão sobre a igreja, afirmou: "há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é

sobre todos, e por todos, e em todos" (Ef 4.4-6). Todas as grandes imagens da igreja realçam a sua unidade. Sobre isso, o teólogo anglicano Charles Sherlock observa:

> A igreja, a expressão visível dessa participação, que o Espírito Santo traz à existência em e através de Cristo, é não somente uma coleção de indivíduos (embora seja pelo menos isso), mas é descrita no Novo Testamento através de termos físicos, corporativos: o "rebanho", a "vinha", a "noiva", e especialmente o "corpo" de Cristo. A igreja não é um ajuntamento de pecadores justificados ou uma instituição sacramental ou um meio de autossalvação particular, mas a vanguarda da nova criação.[77]

A imagem neotestamentária do "povo de Deus" é mais forte que a espiritualidade desconectada e individualista. Embora Deus seja um ser pessoal e imanente — o Deus conosco —, a sua relação salvífica envolve todo o cosmo: "A natureza criada aguarda, com grande expectativa, que os filhos de Deus sejam revelados" (Rm 8.19; cf. 19-22). Isso não quer dizer que a salvação seja universalista, mas universalizante.

A salvação, igualmente, é não apenas a redenção dos pecados, mas, também, o chamado para a proclamação do reino de Deus em palavras e ações por meio da comunidade, da igreja eleita. "Esse senso de responsabilidade social comunitária, que normalmente não existe mais nos tempos modernos, está no coração da compreensão paulina do real significado de sermos povo de Deus", afirma o teólogo assembleiano Gordon D. Fee.[78]

O reino de Deus já é manifesto entre nós por meio de Cristo, do Espírito, da Palavra e da igreja (Lc 17.20-21). Felizmente, o drama da redenção não é a história de alguns indivíduos privilegiados, mas de um povo eleito, cuja missão é encarnar a realidade do reino dos céus neste mundo.

O Destino Manifesto A Doutrina da Eleição é apenas um exemplo de como uma verdade bíblica pode servir como justificativa política de uma postura sectária — como o nacionalismo. O objetivo,

aqui, não é atacar uma tradição teológica específica, até porque o sectarismo é um pecado generalizado.[79] Mas o entendimento equivocado da Doutrina da Eleição produziu no contexto americano a teologia do Destino Manifesto. Essa teologia, que enxerga os Estados Unidos como “a nação escolhida do Senhor”, é bem popular nos círculos evangélicos. Especialmente com a eleição do republicano Donald Trump à presidência, muitos evangélicos viram no magnata bilionário — conhecido pela vida devassa — um Davi, aquele que é o ungido do Senhor para conduzir a nação aos caminhos de Deus.

Isso também tem acontecido no Brasil. Já tivemos candidatos a cargos públicos que foram “eleitos” por muitos evangélicos como “cristianizadores” do Brasil. Não estou aqui avaliando se o governo de tais candidatos foi bom ou ruim, mas, certamente, é muito ruim quando os evangélicos esperam de um político o que deveriam esperar somente de Jesus Cristo. Entre esses candidatos, há aqueles que, alimentados diretamente pela teologia de pastores influenciados pelo Destino Manifesto, acreditam ser “escolhidos de Deus”. No entanto, quem abraça esse tipo de messianismo político, justificado por uma teologia da eleição sem lastro bíblico, acaba, naturalmente, abraçando o sectarismo político que odeia quem pensa diferente.

7. A catolicidade da igreja

> *Cada igreja local é uma comunidade católica porque, em um sentido profundo, todas as outras igrejas fazem parte dessa igreja, e todas modelam sua identidade.*
>
> Miroslav Volf

O que é catolicidade da igreja? Essa expressão não remonta necessariamente aos católicos romanos ou aos católicos ortodoxos; antes, trata-se de um princípio que envolve todos os cristãos. De origem grega, o adjetivo “católico” significa “conformidade com o todo”. Portanto, a catolicidade diz respeito ao que é universal. Na catolicidade, nada do que é essencial pode faltar. Ela é, naturalmente, holística e busca o entendimento integral sobre o todo.

Para fins didáticos, devemos diferenciar catolicidade de catolicismo. Até um século atrás, especialmente no contexto evangélico, o termo “católico” estava totalmente associado à Igreja Católica Apostólica Romana, mas teólogos protestantes começaram a entender que a catolicidade é um conceito teológico valioso e não pode ser desprezado.

Infelizmente, parte da tradição protestante mais se enxergou como anticatólica do que como um aprimoramento do catolicismo, deixando, assim, de aproveitar o máximo dos tesouros da cristandade desenvolvidos durante os 15 séculos anteriores à Reforma. Criou-se no *ethos* evangélico uma vontade de aprofundar

as diferenças em questões periféricas, mesmo entre os próprios evangélicos. Para o evangélico médio, quanto mais exclusivo é o seu grupo, mais ele se sente confortável. Nesse protestantismo, tudo o que soa como catolicidade e unidade é menos valorizado, em detrimento da valorização do próprio tribalismo.

A catolicidade da igreja é um princípio básico da eclesiologia (a doutrina da igreja) e é um poderoso instrumento de conscientização da nossa limitação diante da complexidade abrangente da graça de Deus. Catolicidade diz respeito à vocação evangélica do corpo de Cristo. Somos convocados pelo nosso Senhor a fazer "discípulos de todas as nações" (Mt 28.19) — observe bem, não apenas de uma nação, mas de todos povos, tribos e línguas.

Dentro da universalidade da fé cristã, devemos nos lembrar do Credo Niceno-constantinopolitano, que diz: "Creio na igreja, una, santa, católica e apostólica". Dentro do entendimento sobre a essência da igreja, o símbolo coloca a catolicidade como uma qualidade equivalente à santidade. Não é uma qualidade secundária ou dispensável, mas uma marca perene. Nesse sentido, todo cristão deve ser um promotor da catolicidade, ou, como disse o bispo Paciano de Barcelona, no século 4: "Cristão é o meu nome; católico, meu sobrenome".

Quando se fala em catolicidade, não é possível esquecer dos grandes teólogos da patrística. Inácio, bispo de Antioquia (70-110), foi quem empregou o termo pela primeira vez para designar o sentido universal da igreja. A unidade indivisível do corpo de Cristo era um conceito tão elevado na patrística que Agostinho considerava a unidade na comunhão mais importante que a pureza da igreja. [80]

Com isso, os pais da igreja não viam os erros doutrinários e morais com leniência, mas preferiam uma igreja viva e unida, ainda que errante, do que uma igreja morta em diversos fragmentos fratricidas. Eis aí uma sabedoria há muito perdida por quem idealiza a igreja e, diante das decepções óbvias, se refugia na construção de uma seita à sua imagem e semelhança. Hans Urs von Balthasar escreveu: "O uso traz consigo o 'ab-uso', que, ainda que não possa ser suprimido, deve ser combatido, para que possa voltar a ser

digno de uso”.[81] Isso significa que só é possível se livrar totalmente do abuso nos espaços onde não há qualquer uso.

A palavra catolicidade é sinônimo de integridade ou totalidade e pode ser definida como capacidade de “manter juntas coisas que estão em tensão entre si”.[82] Mas catolicidade vai além de unidade em torno de doutrinas centrais. A catolicidade não é uniformidade, ou seja, nem sempre se manifesta numa mesma experiência em qualquer espaço e tempo. A catolicidade é, não raramente, expressa na falta de semelhança, na rica e complexa diversidade da fé cristã, mas, é claro, no essencial concorda com a totalidade expressa na pessoa de Deus por meio da verdade do evangelho.

Se todos os cristãos fossem cientes da catolicidade da igreja, não unificariam liturgias, confissões de fé ou modelos eclesiásticos, como alguns leitores podem pensar, mas estariam totalmente conscientes da particularidade da própria fé, celebrando o que têm de diferente, sem esquecer que fazem parte do todo. A catolicidade não mina a diversidade, apenas lembra aos diversos cristãos que todos estão servindo a um único Senhor e Salvador. Na verdadeira catolicidade, celebraremos cada vez mais as nossas doutrinas peculiares, sem, contudo, acreditar que a fé cristã se resume a elas.

A igreja nunca foi, nem será, propriedade de um povo, uma cultura ou mesmo um grupo teológico. Em Apocalipse, o apóstolo João observa, ao ter a visão dos glorificados: “e eis grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestes brancas, com ramos de palmeira nas mãos. E clamavam com voz forte, dizendo: ‘Ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação’” (Ap 7.9). Que visão maravilhosa! Imagine olhar para uma multidão tão diversa, plural e, ao mesmo tempo, unida em um só louvor: ao Deus trino pertence a salvação!

Esta é a essência da catolicidade da igreja: unidade na diversidade. O cristianismo é uma religião monoteísta que abrange toda a multiplicidade étnica presente neste mundo. E, ao que parece sinalizar o texto joanino, essa multiplicidade étnica continuará a ressoar nos céus.

A catolicidade entre a intransigência e o relativismo Em tempos de forte polarização, intensificada pelas redes sociais, é importante que o cristão não perca de vista que sua vida não deve ser marcada pela beligerância. O apóstolo Pedro, que era conhecido pelo seu temperamento forte, escreveu, na última etapa de sua vida: “Santifiquem Cristo como Senhor no coração. Estejam sempre preparados para responder a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês. Contudo, *façam isso com mansidão e respeito*, conservando boa consciência, de forma que os que falam maldosamente contra o bom procedimento de vocês, porque estão em Cristo, fiquem envergonhas de suas calúnias” (1Pe 3.15-16, grifos meus).

Há ainda quem ache que promover discordância com base na mansidão e no respeito é ser politicamente correto e que precisamos defender a verdade mesmo que seja necessário humilhar adversários intelectuais. Não é isso que ensinam as Escrituras. O nosso chamado é para promover a esperança que há em nós.

Se a catolicidade não suporta a intransigência fundamentalista, também não abre espaço para o relativismo vulgar. Diferente do que pensam teólogos modernos, como Leonardo Boff, a catolicidade da igreja não significa sincretismo com outras religiões e crenças alheias ao cristianismo bíblico e histórico.[83] A força motriz da catolicidade está nos fundamentos das doutrinas apostólicas (At 2.42) e não na indefinição de uma identidade fluida. Fato é que a busca por uma doutrina bíblica nem sempre é fácil, pois a leitura do texto bíblico está encharcada pela complexidade do tempo, do espaço e da cultura distanciada. Não só o “mundo bíblico” está longe do “nosso mundo” como o “nosso mundo” cria vícios de leitura ao abordar o passado distante. Embora defender o legado apostólico a partir da interpretação das Escrituras seja uma tarefa árdua, não quer dizer que seja impossível.

O antagonismo entre catolicidade e sectarismo O contrário de catolicidade é o sectarismo.[84] É sectário quem não tem nenhuma consideração pela espiritualidade fora da própria experiência e de seu vocabulário. Porém, a igreja é um corpo

grande, complexo e ligado a uma única cabeça, Cristo. As partes desse corpo não podem assumir autonomia sem desfalecer na própria arrogância.

A riqueza da igreja está em seus vários ministérios, dons e talentos, por meio dos quais opera o Espírito (1Co 12.4-6). Ser igreja é bem diferente de ser uma seita, um partido ou um grupo que levanta apenas bandeiras periféricas. O sectarismo divide a igreja e ameaça a sua existência, assim como aconteceu em Corinto, em que grupos diversos se reuniam em um ambiente belicoso e se gabavam de um culto referencial a profetas e apóstolos. O apóstolo Paulo se contrapôs aos sectários e fez a seguinte observação: “Ninguém pode colocar outro alicerce além do que já está posto, que é Jesus Cristo” (1Co 3.11).

Nem todo sectário é herético. Muitos sectários expressam grandes verdades ortodoxas. O problema é a visão limitadora, a tomada da parte pelo todo. O sectário eleva à categoria de ortodoxia toda a sua experiência, que é e sempre será limitada diante da riqueza do cristianismo.

O teólogo metodista Justo González observa que o termo “seita”, por si só, não diz nada acerca da verdade ou da falsidade dos ensinamentos de determinado grupo, tampouco de sua ortodoxia ou heterodoxia. Isso significa que um grupo, não importa quão ortodoxo seja, equivoca-se quando considera que seu âmbito de realidade, a própria perspectiva limitada, representa toda a realidade ou a única perspectiva possível. “Uma seita pode, então, ser perfeitamente ortodoxa. Certamente, pode ser mais ortodoxa que qualquer grupo. Mas, enquanto se considera como a única ortodoxia possível, torna-se sectária.” [85]

Em certa ocasião, Karl Barth recebeu uma carta um tanto agressiva do famoso apologista Francis Schaeffer, à qual respondeu:

> Vejo que você e seus amigos escolheram um tipo de teologia que consiste em uma espécie de criminologia; você está vivendo do repúdio e da discriminação de toda e qualquer criatura semelhante, cujas concepções não são inteiramente (ou numericamente) idênticas às suas perspectivas e

> declarações. Você está “caminhando sobre a rocha sólida da verdade” (como você mesmo diz de si). Mas nós, pobres pecadores, não estamos. Eu não estou. Meu caso foi sinalizado como sem esperança alguma. [...]
>
> Porém, por que e para qual propósito você deseja uma conversa futura? O herege foi queimado e enterrado para o bem de todos. Por que você quer perder mais do seu tempo (e o dele) falando com ele? [...] Não sei como lidar com um homem que vem me ver e falar comigo na qualidade de detetive/inspetor ou com o comportamento de um missionário que vai converter um pagão.[86]

Schaeffer tomou um choque depois dessa carta e o seu sectarismo foi quebrado diante da advertência de Barth. Como Barth apontou — e Schaeffer aprendeu, a ponto de o L'Abri[87] se tornar referência de acolhimento —, não se pode adotar a postura de condenar sem antes entender. A catolicidade começa ao ouvir atentamente. Antes de discordar, é necessário entender do que se discorda.

Sectarismo e a falsa pretensão de universalidade Talvez a facilidade de alguns evangélicos[88] de cair no pecado do sectarismo esteja na visão equivocada que desenha um sistema teológico específico como uma cosmovisão.[89] Que o cristianismo seja, de fato, o fundamento de toda a epistemologia do cristão, ninguém discorda, mas pode uma tradição cristã específica se propor a ser uma visão sobre o todo?

A tradição evangélica está tão confiante de sua inteligibilidade que se acredita capaz de enxergar o mundo todo com novas (e pequenas) lentes advindas do seu arcabouço doutrinário. É bem verdade que a tradição evangélica tem sérias preocupações com as implicações de suas teologias na cultura, mas essa tradição não é a única a fazer essa ponte e nem de longe está fazendo esse trabalho melhor que outras tradições. Basta lembrar que grandes nomes da relação entre fé e cultura no século 20 não eram evangélicos, como C. S. Lewis, Dorothy Sayers, H. Richard Niebuhr,

Dietrich Bonhoeffer, T. S. Eliot, G. K. Chesterton, J. R. R. Tolkien, Hans Urs von Balthasar; Henri de Lucac e Joseph Ratzinger.

O desafio do evangélico é superar a sua mania de grandeza e, em humildade e contrição, atentar ao que Deus tem feito em diversas tradições. Sem uma legítima união dos cristãos em torno de Cristo, o mundo não perceberá a graça de Deus por meio da igreja.

Conclusão

Escrevo este texto pouco tempo depois de celebrarmos o domingo de Pentecostes, em meio a uma situação global muito complicada e diante de tensões crescentes entre diversos setores da sociedade em diferentes países do mundo. Neste contexto de crise na saúde e colapso social, celebramos o Pentecostes na esperança escatológica da igreja unida em torno de Cristo.

O Pentecostes foi o primeiro evento da catolicidade da igreja. [90] No quinquagésimo dia após a Páscoa, Deus derramou o seu Espírito Santo sobre os cento e vinte discípulos reunidos em oração (At 2.1-4). Assim como havia predito o profeta Joel (Jl 2.28-32), Deus repousou o seu Espírito sobre "todo tipo de pessoa" (v. 28). Isso é simplesmente incrível!

A história sempre foi marcada por divisões raciais, tribais e nacionais e pelos preconceitos de classe e gênero. Porém, Deus interrompeu esse ciclo de soberba e desprezo ao prometer o derramamento do seu Espírito sobre todo tipo de gente: jovens e velhos, homens e mulheres, senhores e servos. Deus "não faz acepção de pessoas", como concluiu Pedro ao ver o Espírito Santo ser derramado sobre uma família estrangeira (At 10.23-48).

A resposta a qualquer tipo de discriminação e sentimento sectário não é o ódio ou o ressentimento, mas a lembrança constante que não somos donos do Espírito de Deus. Quando aprendemos que "o vento sopra onde quer", somos humilhados pela verdade: não podemos abraçar qualquer vaidade supremacista e orgulhosa.

O Pentecostes é um evento único? Sim, todo avivamento é singular. Todavia, o Pentecostes também é diretriz. A história registrada em Atos não é mero saudosismo, mas uma motivação a ser buscada continuamente na contemporaneidade.

Sabemos que a catolicidade plena será uma realidade apenas futura, um fato escatológico. Ainda assim, precisamos viver no tempo presente como uma realização prévia do reino de Deus. A eternidade precisa refletir no cotidiano. Nesse sentido, nosso desafio, como evangélicos, é a quebra do orgulho.

Sabemos que nenhum pecado pode ser vencido sem ajuda do Espírito Santo. É ele quem nos purifica, santifica e regenera. É o Espírito que nos dá uma nova vida e uma nova visão sobre a multiforme graça de Deus em ação na vida da igreja. Que Jesus derrame o Espírito Santo sobre nós, para que testemunhemos em todos os lugares o evangelho que promove a paz com Deus, pela remissão dos nossos pecados, e a comunhão entre os homens, por meio da vivência na diversidade do corpo de Cristo.

Referências bibliográficas

Capítulo 1

Balthasar, Hans Urs von. *The Theology of Karl Barth: Exposition and Interpretation*. 1 ed. San Francisco: Ignatius Press, 1992.

Brunner, Emil. *Justice and the Social Order.* 1 ed. New York: Harper and Brothers, 1945.

Hordern, William. *Teologia Contemporânea*. 1 ed. São Paulo: Hagnos, 2004.

Leithart, Peter J. *The End of Protestantism: Pursuing Unity in a Fragmented Church*. 1 ed. Grand Rapids: Brazos Press, 2016.

Lloyd-Jones, Martin. *O batismo e os dons do Espírito*. 1 ed. Natal: Carisma, 2018.

Packer, James I. *"Fundamentalism" and the Word of God: Some Evangelical Principles*. 2 ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1990.

Peterson, Eugene H. *Christ Plays in Ten Thousand Places: A Conversation in Spiritual Theology.* 1 ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

Schaff, Philip. *History of the Christian Church, Volume IV: Mediaeval Christianity. A.D. 590-1073*. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 1882.

Tozer, A. W. *Em busca de Deus.* 1 ed. São Paulo: Vida, 2017.

Truesdale, Al (Org.). *Heróis da Igreja: A Era Moderna*. 1 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

Capítulo 2

Alves, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Loyola, 2004.

Armínio, Jacó. *Obras de Armínio. Vol. 2*. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

Blomberg, Craig L. "The New Testament Definition of Heresy (Or When Do Jesus And Apostles Really Get Mad?)". *Journal of the Evangelical Theological Society* 45/1, Março de 2002.

Burton, Ernest. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Galatians*. Londres: T & T Clark, 1988.

Kilby, Karen. *The SPCK Introduction to Karl Rahner*. Londres: SPCK, 1997.

Kruger, Michael; Köstenberger, Andreas J. *A heresia da ortodoxia*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

McGrath, Alister. *Heresia: Uma história em defesa da verdade.* São Paulo: Hagnos, 2014.

Oden, Thomas. "Why We Believe in Heresy". *Christianity Today*. 4 de março de 1996, Vol. 40, N. 3.

Stott, John. *Cristianismo equilibrado*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

Capítulo 3

Fee, Gordon D.. *1 and 2 Timothy, Titus*. Grand Rapids: Baker Academic, 1984.

MaCarthur Jr., John. *The MacArthur Study Bible* Wheaton: Crossway, 2010.

Sire, James W. *A Little Primer on Humble Apologetics.* Downers Grove: InterVarsity, 2006.

Smith, James K. A. "The new alarmism: How Some Christians Are Stoking Fear Rather Than Hope". *The Washington Post*. 10 de março de 2017.

Towner, Philip H. *The Letters to Timothy and Titus.* Grand Rapids: Eeardmans, 2006.

Capítulo 4

Balch, David L.; Stambaugh, John E. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. São Paulo: Paulus, 1996.

Brown, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

Fitzmyer, Joseph A. *The Gospel According to Luke X-XXIV (The Anchor Yale Bible Commentaries).* Vol. 28 A. Nova York: Doubleday, 1985.

Freyne, Sean. "Galileia e Judeia: o mundo social de Jesus". In: McKnight, Scot; Osborne, Grant R. *Faces do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

Jesus, Ana Márcia Guilhermina; Oliveira, José Lisboa Moreira de. *Teologia do Prazer*. São Paulo: Paulus, 2014.

Powell, Mark Allan (Ed.). *The HarperCollins Bible Dictionary*. Nova York: HarperCollins Publishers, 2011.

Saldarini, Anthony J. “Pharisees”. In: Freedman, David Noel Freedman (Ed.). *The Anchor Yale Bible Dictionary*. Vol. 5. Nova York: Doubleday, 1992.

Snodgrass, Klyne. *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

Tenney, Merrill. *Tempos do Novo Testamento.* Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

Viviano, Benedict T. “O Evangelho Segundo Mateus”. In: Brown, Raymond E.; Fitzmyer, Joseph A.; Murphy, Roland E. *Novo Comentário São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2018.

Wright, N. T. *The New Testament and the People of God*. Londres: SPCK, 1992.

Capítulo 5

Brooks, James A. *Mark: The New American Commentary*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992.

France, R. T. *The Gospel of Mark: A Commentary on the Greek Text*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002.

Girard, René. *O Bode Expiatório.* São Paulo: Paulus, 2018.

Mauriac, François. *Le Jeune Homme.* Paris: Hachette, 1926.

Capítulo 6

Abasciano, Brian J. “Clearing up Misconceptions about Corporate Election”. *Ashland Theological Journal*, v. 41, 2009, p. 59-90.

Balthasar, Hans Urs von. *A verdade é sinfônica*. São Paulo: Paulus, 2016.

Barth, Karl. *Dádiva e louvor: Ensaios teológicos*. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2018.

Berlejung, Angelika; Frevel, Christian. *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus e Loyola, 2011.

Fee, Gordon D. *Jesus, o Senhor, segundo o apóstolo Paulo: Uma síntese teológica.* Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

_____. *Offer Yourselves to God: Vocation, Work, and Ministry in Paul's Epistles*. Eugene: Cascade Books, 2019.

Fitzgerald, A. (Org.). *Agostinho através dos tempos*. São Paulo: Paulus, 2019.

Keener, Craig. *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

Klein, William W. *O novo povo escolhido*. São Paulo: Reflexão, 2019.

Mackenzie, John. "Aspectos do pensamento do AT". In: Brown, Raymond; Fitzmyer, Joseph; Murphy, Roland. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984.

McGrath, Alister; Packer, J. I. (Orgs.). *Fundamentos do cristianismo: Um manual da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

Newbigin, Lesslie. *O evangelho em uma sociedade pluralista.* Viçosa: Ultimato, 2016.

_____. *O segredo revelado: Uma introdução à Teologia da Missão*. São Paulo: Vida Nova, 2019.

Pannenberg, Wolfhart. *Teologia Sistemática.* Vol. 3. Santo André: Academia Cristã, 2009.

Quell, G. "Eleição no Antigo Testamento". In: Friedrich, Gerhard; Kittel, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento, Vol. I e II*. 1 São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

Shank, Robert. *Eleitos no Filho.* São Paulo: Reflexão, 2017.

Shedd, Russell. *O homem em comunidade: A solidariedade da raça na teologia de Paulo*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2018.

Sherlock, Charles. *A Doutrina da Humanidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

Scott Jr., J. Julius. *Origens judaicas do Novo Testamento: Um estudo do judaísmo intertestamentário*. São Paulo: Shedd Publicações, 2017.

Solomon, A. A. "The New Testament Doctrine of Election". In: *Scottish Journal of Theology,* Vol. 11, Ed. 4, Dezembro de 1958, p. 406–422.

Wright, Christopher J. H. *The Mission of God's People*. Grand Rapids: Zondervan, 2010.

Wright, N. T. *Paul and the Faithfulness of God*. Londres: SPCK, 2013.

_____. *The Climax of the Covenant: Christ and the Taw in Pauline Theology.* Minneapolis: Fortress, 1992.

_____. *Paulo: Novas perspectivas.* São Paulo: Loyola, 2009.

Capítulo 7

Balthasar, Hans Urs von. *A verdade é sinfônica: Aspectos do pluralismo cristão.* São Paulo: Paulus, 2016.

Boff, Leonardo. *Igreja: Carisma e poder.* São Paulo: Ática, 1994.

Dulci, Pedro. *Inteligência pra quê?: Como usar o seu cérebro para a glória de Deus.* São Paulo: Mundo Cristão, 2019.

Fitzgerald, A. (Org.). *Agostinho através dos tempos: Uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2019.

González, Justo. *Mapas para a história futura da igreja.* Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

Keller, Timothy. *Deus na era secular*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

Schreiter, Robert. *A nova catolicidade*. São Paulo: Loyola, 1998.

Sire, James W. *Dando nome ao elefante*. Brasília: Monergismo, 2012.

Sobre o autor

Gutierres Fernandes Siqueira é escritor e membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus — Ministério do Belém, em São Paulo (SP). É formado em Comunicação Social e edita o blogue *Teologia Pentecostal*.

Publique seu livro no Brasil e no exterior
godbooks.com.br/publique-seu-livro

Acesse nosso *site*
www.godbooks.com.br

Adquira os livros impressos da GodBooks em Portugal, Angola, Espanha, Colômbia, Argentina, México e outros países
godbooks.com.br/onde-encontrar/

Todos os livros da GodBooks estão disponíveis em formato impresso e em e-book
www.amazon.com.br

Entre em contato com a GodBooks
contato@godbooks.com.br



---

[1] Wheaton: Crossway, 2020.

[2] Brunner, Emil. *Justice and the Social Order.* New York: Harper and Brothers, 1945, p. 40-41.

[3] Involuntariamente, porque, diferente do que afirmam apologistas populares do catolicismo romano, os reformadores não tinham a intenção de promover a divisão da igreja. Pelo contrário, eles buscavam a sua real catolicidade. Infelizmente, fracassaram nesse intento.

[4] Leithart, Peter J. *The End of Protestantism: Pursuing Unity in a Fragmented Church*. Grand Rapids: Brazos Press, 2016, p. 60.

[5] In: Balthasar, Hans Urs von. *The Theology of Karl Barth: Exposition and Interpretation*. San Francisco: Ignatius Press, 1992, p. 13.

[6] Idem.

[7] Hordern, William. *Teologia Contemporânea*. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 230.

[8] A frase aparece em um artigo escrito por Spurgeon, intitulado: "Uma defesa do calvinismo". Disponível em: <www.monergismo.com/textos/chspurgeon/defesa-calvinismo_ch-spurgeon.pdf>. Acesso em: 9 de jun. de 2020.

[9] Truesdale, Al (org.). *Heróis da Igreja: A Era Moderna*. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, p. 183.

[10] Peterson, Eugene H. *Christ Plays in Ten Thousand Places: A Conversation in Spiritual Theology.* Grand Rapids: Eerdmans, 1999, p. 299.

[11] Lloyd-Jones, Martyn. *O batismo e os dons do Espírito*. Natal: Carisma, 2018, p. 256-257.

[12] Schaff, Philip. *History of the Christian Church, Volume IV: Mediaeval Christianity. A.D. 590-1073*. Grand Rapids: Christian Classics Ethereal Library, 1882, p. 191.

[13] TOZER, A. W. *Em busca de Deus.* São Paulo: Vida, 2017, p. 94.

[14] Packer, James I. *"Fundamentalism" and the Word of God: Some Evangelical Principles*. Grand Rapids: Eerdmans, 1990, p. 76.

[15] Oden, Thomas. "Why We Believe in Heresy". *Christianity Today*. 4 de março de 1996, Vol. 40, n. 3, p. 12.

[16] Para o estudioso bíblico americano e presidente da Universidade de Chicago Ernest DeWitt Burton (1856-1925), o sentido em 2Pedro 2.1 não é de desvio doutrinário, mas de "divisão de sentimentos". Ele afirma: "O significado 'heresia', uma doutrina em desacordo com a do corpo geral, não é encontrado no Novo Testamento". Cf. Burton, Ernest. *A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle to the Galatians*. Londres: T & T Clark, 1988, p. 310.

[17] McGrath, Alister. *Heresia: Uma história em defesa da verdade.* São Paulo: Hagnos, 2014, p. 49-50.

[18] Kilby, Karen. *The SPCK Introduction to Karl Rahner*. Londres: SPCK, 1997, p 81.

[19] Em português as *Obras de Armínio* são publicadas pela CPAD.

[20] Alves, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 56.

[21] Para uma ampla resposta à tese de Bauer, veja: Kruger, Michael; Köstenberger, Andreas J. *A Heresia da Ortodoxia*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

[22] Stott, John R. W. *Cristianismo equilibrado*. Rio de Janeiro: CPAD, 1982, p. 15.

[23] Blomberg, Craig L. "The New Testament Definition of Heresy (Or When Do Jesus And Apostles Really Get Mad?)". *Journal of the Evangelical Theological Society* 45/1, Março de 2002, p. 59–72.

[24] HENRY, Matthew. *Matthew Henry Study Bible, Revised King James Version*. 1 ed. Dordrecht: Importantia Publishing, 2010, p. 1658.

[25] Smith, James K. A. "The New Alarmism: How Some Christians Are Stoking Fear Rather Than Hope". *The Washington Post.* Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/acts-of-faith/wp/2017/03/10/the-new-alarmism-how-some-christians-are-stoking-fear-rather-than-hope/?fbclid=IwAR28K_N4db_yH2zLP6LLoB9GwOSRe-xBihOaJZRQEBZdE3qhj6ln5clNFtE>. Acesso em: 7 de jun. de 2020.

[26] Sire, James W. *A Little Primer on Humble Apologetics.* Downers Grove: InterVarsity, 2006, p. 26.

[27] Towner, Philip H. *The Letters to Timothy and Titus.* Grand Rapids: Eeardmans, 2006, p. 287.

[28] Nicoll, William Robertson. *The Expositor's Greek Testament.* 1 ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1956. n.p.

[29] Idem, p. 287-288.

[30] Fee, Gordon Donald. *1 and 2 Timothy, Titus*. Grand Rapids: Baker Academic, 1984, l. 2.233.

[31] Saldarini, Anthony J. "Pharisees". In.: Powell, Mark Allan (Ed.). *The HarperCollins Bible Dictionary*. New York: HarperCollins Publishers, 2011, p. 791.

[32] Tenney, Merrill. *Tempos do Novo Testamento.* Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 107.

[33] "A intensificação dos regulamentos de pureza bíblica dentro do farisaísmo pode, portanto, convidar a explicação de que eles são o análogo individual do medo nacional e/ ou resistência à contaminação ou opressão pelos gentios. A pureza cerimonial funciona quase como uma atividade de

deslocamento diante da aparente impossibilidade da pureza nacional". Wright, N. T. *The New Testament and the People of God*. Londres: SPCK, 1992, p. 188.

[34] A descrição é parte do consenso básico dos eruditos bíblicos sobre o farisaísmo, mas os estudos sobre o assunto são amplos, concorrentes, contraditórios e extremamente variados entre estudiosos cristãos e judeus. O grupo dos fariseus já foi descrito de modo idiossincrático como uma espécie de "judaísmo puritano", enquanto outros acadêmicos o posicionam no campo mais "progressista" do judaísmo do primeiro século. O teólogo Joachim Jeremias, por exemplo, descrevia os fariseus como um grupo extremamente poderoso na época de Cristo, enquanto E. P. Sanders o apresenta como um grupo pequeno e autônomo baseado em Jerusalém. Para uma ampla pesquisa sobre as diversas teorias, veja: Saldarini, Anthony J. "Pharisees". In: Freedman, David Noel Freedman (Ed.). *The Anchor Yale Bible Dictionary*. Vol. 5, 1 ed. New York: Doubleday, 1992, p. 289-303.

[35] Freyne, Sean. "Galileia e Judeia: O mundo social de Jesus". In: McKnight, Scot; Osborne, Grant R. *Faces do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 31.

[36] Balch, David L.; Stambaugh, John E. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 71.

[37] A *Mishná* é uma das principais obras do judaísmo rabínico e a primeira grande redação na forma escrita da tradição oral judaica.

[38] Snodgrass, Klyne. *Compreendendo todas as parábolas de Jesus*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 653.

[39] Viviano, Benedict T. "O Evangelho Segundo Mateus". In: Brown, Raymond E.; Fitzmyer, Joseph A; Murphy, Roland E. *Novo Comentário São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 168.

[40] "Os administradores romanos, porém, em assuntos de impostos eram julgados não somente por suas ações, mas também pelo comportamento de funcionários locais a quem eles empregavam". Brown, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 132.

[41] FITZMYER, Joseph A. *The Gospel According to Luke X-XXIV (The Anchor Yale Bible Commentaries).*

Volume 28 A. 1 ed. Nova York: Doubleday, 1985. p 1187.

[42] Chesterton, G. K. *All Things Considered*. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/11505/11505-h/11505-h.htm>. Acesso em: 10

de jun. de 2016.

[43] Jesus, Ana Márcia Guilhermina; Oliveira, José Lisboa Moreira de. *Teologia do Prazer*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 49.

[44] Este capítulo conta com a colaboração de minha esposa, Camila Rauber. Camila é bacharel, mestre e doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com passagem pela Universidade de Buenos Aires (Argentina).

[45] Josefo, Flavio. *História dos hebreus.* 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1990, I7783.

[46] France, R. T. *The Gospel of Mark: a Commentary on the Greek Text.* Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 377.

[47] Wesley, John. *The Sermons of John Wesley - Sermon 38 - A Caution Against Bigotry*. *Wesley Center.* Disponível em: <http://wesley.nnu.edu/john-wesley/the-sermons-of-john-wesley-1872-edition/sermon-38-a-caution-against-bigotry/> Acesso em: 27 de jun. 2020.

[48] Mauriac, François. *Le Jeune Homme*. Paris: Hachette, 1926, p. 60.

[49] Brooks, James A. *Mark: The New American Commentary*. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1992, p. 153.

[50] *Didaquê* 4.3. Disponível em: <http://www.psaoroque.com.br/download/Didaque.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2020.

[51] Haight, Roger. *A comunidade cristã na história: Eclesiologia comparada*. *Volume 2.* São Paulo: Paulinas, 2018, p. 57.

[52] Embora Agostinho seja a gênese da Doutrina da Eleição Individual mais rígida, ele “insistia que os fiéis não deveriam se preocupar com isso (*praed. sanct*. 16) e que essa doutrina não deveria ser ensinada aos que não poderiam compreendê-la (*perser*. 58)”. Lamberigts, Mathijs. “Predestinação”. In: Fitzgerald, A. (org.). *Agostinho através dos tempos*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 803.

[53] Scott Jr., J. Julius. *Origens judaicas do Novo Testamento: Um estudo do judaísmo intertestamentário*. São Paulo: Shedd Publicações, 2017, p. 287.

[54] Berlejung, Angelika; Frevel, Christian. *Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus e Loyola, 2011, p. 16.

[55] Rogerson, J. W. *Anthropology and the Old Testament*. Oxford: Basil Blackwell, 1978, p. 25.

[56] Quell, G. “Eleição no Antigo Testamento”. In: Friedrich, Gerhard; Kittel, Gerhard. *Dicionário teológico do Novo Testamento, Volumes I e II*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 145-168.

[57] Idem, p. 145-168.

[58] Wright, Christopher. “A Igreja”. In: McGrath, Alister; Packer, J. I. *Fundamentos do cristianismo: Um manual da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 269.

[59] Mackenzie, John. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 249.

[60] No original grego, “onze termos diferentes que no Antigo Testamento eram aplicados a Israel são, aqui, aplicados àqueles que creem em Jesus Cristo”. Keener, Craig. *Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 649.

[61] Para uma acurada análise exegética dos textos sobre a eleição, veja: Klein, William. *O novo povo escolhido*. São Paulo: Reflexão, 2019.

[62] Mackenzie, John. “Aspectos do Pensamento do AT”. In: Brown, Raymond; Fitzmyer, Joseph; Murphy, Roland. *Novo comentário bíblico São Jerônimo: Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 1.414.

[63] “A eleição [ou seja, a escolha] de um não é a rejeição do resto, mas, em última análise, para o seu benefício. [...] Da mesma forma, a eleição de Deus para Israel é fundamental na missão de Deus para todas as nações. A eleição precisa ser vista como uma doutrina da missão, não como um cálculo aritmético da salvação. Se falamos de ser escolhido, de estar entre os eleitos de Deus, é dizer que, como Abraão, somos escolhidos por causa do plano de Deus que as nações do mundo venham a desfrutar da bênção de Abraão (que é exatamente como Paulo descreve o efeito da redenção de Israel por Deus em Cristo em Gálatas 3.14)”. Wright, Christopher J. H. *The Mission of God’s People*. Grand Rapids: Zondervan, 2010, p. 72. O autor expressa o mesmo conteúdo de forma resumida em: Wright, Christopher. “A Igreja”. McGrath, Alister; Packer, J. I. *Fundamentos do cristianismo: Um manual da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 269.

[64] Newbigin, Lesslie. *O evangelho em uma sociedade pluralista.* Viçosa: Ultimato, 2016, p. 117. Newbigin também defende essa ideia em “O evangelho e a história mundial”. In: Newbigin, Lesslie. *O segredo revelado: Uma introdução à teologia da missão*. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 73-96.

[65] Wright, Nicholas Thomas. *Paul and the faithfulness of God*. Londres: SPCK, 2013, p. 1.544.

[66] “A maioria dos estudiosos paulinos não lê ‘Cristo’ em Paulo como um título, mas simplesmente como um nome próprio. Quero agora sugerir que esse consenso está errado; que Χριστός em Paulo deve ser lido regularmente como ‘Messias’; e que um dos principais significados que essa palavra carrega é ‘incorporado’, isto é, que se refere ao Messias como aquele em quem o povo de Deus é resumido, de modo que eles podem ser referidos como estando ‘dentro’ dele, como vindo ou crescendo ‘dentro’ dele, e assim por diante”. Wright, N. T. *The Climax of the Covenant: Christ and the Taw in Pauline Theology.* Minneapolis: Fortress, 1992, p. 41.

[67] Idem, p. 1.572. Leia também o capítulo “Repensando o povo de Deus”. In: Wright, N. T. *Paulo: Novas perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 109-136.

[68] Sobre isso, veja o ótimo livro Shedd, Russell. *O homem em comunidade: A solidariedade da raça na teologia de Paulo*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2018.

[69] Abasciano, Brian J. “Clearing up Misconceptions about Corporate Election”. In: *Ashland Theological Journal*, v. 41, 2009, p. 59-90.

[70] “No mundo antigo, os indivíduos sempre foram entendidos em relação ao seu grupo maior. Para Israel, esse grupo era o povo de Deus. No Antigo Testamento, a ideia de ‘eleição’ estava centrada em pertencer ao povo eleito, embora esteja claro que os indivíduos poderiam optar por sair por várias razões. No Novo Testamento, um indivíduo se uniria ao povo de Deus pela fé em Jesus e pelo dom do Espírito, mas o foco principal ainda estava no grupo — ou seja, o povo de Deus. Em outras palavras, o foco não era tanto o relacionamento individual isolado com Deus; pelo contrário, era nas pessoas que faziam parte de uma comunidade. O Iluminismo ensinou a igreja a ler mal a Bíblia a esse respeito”. Fee, Gordon D. *Offer Yourselves to God: Vocation, Work, and Ministry in Paul’s Epistles*. Eugene: Cascade Books, 2019. p. 11.

[71] Pannenberg, Wolfhart. *Teologia Sistemática.* Vol. 3. Santo André: Academia Cristã, 2009, p. 681.

[72] Essa métrica, obviamente, é apenas quando comparamos católicos com protestantes calvinistas. Os católicos também produziram a exclusão violenta de diversos povos, especialmente indígenas. O que afirmo é que, com o tempo, culturas de matriz católica lidaram melhor com a miscigenação do que culturas de matriz protestante-calvinista. Aqui, obviamente, não é um juízo de valor sobre toda a tradição reformada.

[73] Os Cinco Artigos da Remonstrância foram proposições teológicas apresentadas, em 1610, pelos seguidores de Jacó Armínio, morto em 1609.

[74] “Não podemos separar Cristo da igreja, nem, do mesmo modo, desligar a igreja de Cristo. Se quisermos realmente ouvir algo de compreensível, teremos de escutar a totalidade da polifonia da revelação. A transparência de Cristo não será alcançada pela destruição da igreja, ou através da sua substituição por formas de comunhão autogeridas, mas sim de uma forma que os homens da igreja se tornem o mais profundamente possível assimilados à realidade eclesial: ela é, de fato, o Corpo de Cristo e, portanto, sua presença corpórea.” Balthasar, Hans Urs von. *A verdade é sinfônica*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 8.

[75] Barth, Karl. *Dádiva e louvor: Ensaios teológicos*. 4 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2018, p. 247-249.

[76] Pannenberg, Wolfhart. *Teologia Sistemática.* Vol. 3. Santo André: Academia Cristã, 2009, p. 588.

[77] Sherlock, Charles. *A Doutrina da Humanidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 97.

[78] Fee, Gordon D. *Jesus, o Senhor, segundo o apóstolo Paulo: Uma síntese teológica.* Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p. 36.

[79] É importante destacar que vários pensadores reformados e, portanto, calvinistas, já manifestaram grande contrariedade diante da Teologia do Destino Manifesto. Cito alguns nomes contemporâneos, como James K. A. Smith, Timothy Keller, Richard J. Mouw, Os Guinness e John M. Frame. Outro ponto é que a Teologia do Destino Manifesto é, também, bem popular em círculos carismáticos não calvinistas.

[80] Fitzgerald, A. (Org.). *Agostinho através dos tempos: Uma enciclopédia*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 223.

[81] Balthasar, Hans Urs von. *A verdade é sinfônica: Aspectos do pluralismo cristão.* São Paulo: Paulus, 2016, p. 58.

[82] Schreiter, Robert. *A nova catolicidade*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 144.

[83] Boff, Leonardo. *Igreja: Carisma e poder.* São Paulo: Ática, 1994, p. 157-184. Boff aponta, com razão, que não existe uma fé totalmente pura, sem mistura com elementos alheios a ela, mas, em seu entusiasmo pluralista, ele acredita que é possível, por exemplo, abraçar elementos das religiões afro-brasileiras em junção com a fé cristã. Tudo isso porque a chave de

interpretação de mundo dos teólogos da libertação sempre trabalha a ideia de "oprimidos" e "opressores", como se a vida fosse um esquema binário. O problema é que não é possível imaginar uma proposta parecida nos profetas do Antigo Testamento e nos apóstolos do Novo Testamento com as religiões animistas daquele tempo. Essa preocupação excessivamente integradora é mais fruto da modernidade tardia do que resultado de uma cosmovisão bíblica. O próprio entusiasmo com um "sincretismo do bem" já demonstra em si um afastamento da fé dos primeiros cristãos.

[84] Certa vez, um demônio, perturbado pela presença de Jesus, disse: "O que você quer comigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peço-lhe que não me atormente" (Lc 8.28). Diante do nosso Senhor, o mal não é uma ameaça, antes, sente-se ameaçado. Tanto a religiosidade legalista quanto a espiritualidade pagã vivem do medo do maligno e do medo do impuro. Nesses sistemas de crença, tudo contamina ou é contaminado. Não é à toa que os religiosos vivem da dicotomia de objetos puros e impuros e outros mais místicos apelam para superstições que supostamente afastam o mal. Mas, em Jesus, pelo contrário, sua presença é mais que suficiente para atormentar o mal. A santidade de Jesus repele a força das trevas. A pureza de Jesus é ofensiva, forte e arrebatadora, a ponto de que, diante dele, todo joelho se dobrará. Nele, o impuro é purificado. É por isso que Pedro, em sua resistência legalista, ouve do anjo: "Não chame impuro ao que Deus purificou" (At 10.15). Jesus não tinha problemas em conviver com os pecadores da pior fama, nem precisou inventar inúmeros códigos, leis, usos e costumes para conversar com alguém que tinha sérios problemas com o pecado, pois ele era o real influenciador e não um ser influenciável.

[85] González, Justo. *Mapas para a história futura da igreja.* Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 99.

[86] Carta citada em: Dulci, Pedro. *Inteligência pra quê?: Como usar o seu cérebro para a glória de Deus.* São Paulo: Mundo Cristão, 2019, p. 116.

[87] *L'Abri* [O abrigo] é uma organização cristã evangélica fundada por Francis Schaeffer e sua esposa, Edith, em Huémoz-sur-Ollon, Suíça, em 5 de junho de 1955. Nessa casa eles recebiam jovens ateus, agnósticos e religiosos para conversar sobre fé, política e filosofia. No Brasil, a organização fica na cidade de Lagoa Santa (MG) e é coordenada pelo teólogo Guilherme de Carvalho, colaborador de um excelente livro sobre catolicidade: *Igreja Sinfônica* (Mundo Cristão, 2017), organizado por Pedro Dulci.

[88] Aqui uso o termo "evangélico" como sinônimo de "evangelical". Todo evangelical é protestante, mas nem todo protestante é evangelical. O Movimento Evangelical nasceu como uma reação ao liberalismo protestante

de corte europeu e ao fundamentalismo protestante de corte americano. O Movimento Evangelical também é distante da neo-ortodoxia. Os principais nomes do Movimento Evangelical foram Carl Henry, John Stott e Billy Graham.

[89] O próprio conceito de cosmovisão precisa ser revisto. Segundo aprendemos superficialmente, cosmovisão é um conjunto de crenças que formam e moldam a nossa vida. O problema desse conceito é que ele é incompleto e excessivamente racionalista. No fundo, a ideia de cosmovisão defende que somos produtos de meros esquemas intelectuais. Assim, acredita-se, um tanto ingenuamente, que seremos formados como bons cristãos ao abraçarmos pressupostos intelectuais derivados da tradição cristã. O conceito não está de todo errado, mas é bem incompleto, pois ninguém é formado apenas por esquemas intelectuais. O ser humano também é formado na experiência, no imaginário, no contexto, na comunidade, pela personalidade e até pelas emoções. Corremos o risco de criamos uma falsa e perigosa dicotomia entre pensamento e prática. Sobre isso, cabe aqui um conceito mais completo e correto de cosmovisão, expresso pelo teólogo reformado James Sire: “Cosmovisão é um compromisso, *uma orientação fundamental do coração*, que pode ser expressa *como uma história* ou em um *conjunto de pressuposições* (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica da realidade, e que fornece o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos” (Sire, James W. *Dando nome ao elefante*. Brasília: Monergismo, 2012, p. 179, grifos meus). O filósofo católico Charles Taylor, olhando holisticamente, chama esse conceito de “imaginário social”. Veja: Keller, Timothy. *Deus na era secular*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 20.

[90] VOLF, Miroslav. *The Church as the Image of the Trinity*. 1 ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1998. p. 268.